



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
GRADUAÇÃO EM URBANISMO

MICHELE SANTOS VIEIRA

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E MEMÓRIA:
o caso dos idosos da Ribeira (Salvador-BA)

Salvador
2014

MICHELE SANTOS VIEIRA

APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E MEMÓRIA:
o caso dos idosos da Ribeira (Salvador-BA)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia – Campus I, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez.

Salvador

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial desse trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

E-mail: michelevieira31@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB
Bibliotecária: Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Vieira, Michele Santos

Apropriação do espaço urbano e memória: o caso dos idosos da Ribeira (Salvador - BA) / Michele Santos Vieira. - Salvador, 2014.
81f.

Orientador: Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Exatas e da Terra. Colegiado de Urbanismo. Campus I.

Contém referências e apêndices.

1. Espaços públicos - Salvador (BA). 2. Geografia urbana - Salvador (BA).
3. Ribeira (Salvador, BA) - História. 4. Urbanização - Salvador (BA). I.
Fernandez, Osvaldo Francisco Ribas Lobos. II. Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Exatas e da Terra

CDD: 307.76

MICHELE SANTOS VIEIRA

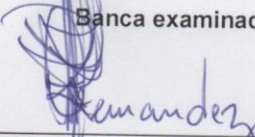
APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO URBANO E MEMÓRIA:

o caso dos idosos da Ribeira (Salvador-BA)

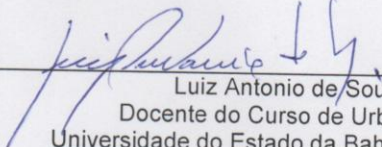
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade do Estado da Bahia – Campus I, como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Urbanismo.

Aprovado em 19 de dezembro de 2014.

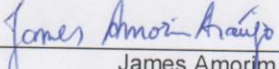
Banca examinadora



Osvaldo Francisco Ribas Lobos Fernandez
Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia
Docente da Universidade do Estado da Bahia – Campus I



Luiz Antonio de Souza
Docente do Curso de Urbanismo
Universidade do Estado da Bahia – Campus I



James Amorim Araújo
Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo
Docente da Universidade do Estado da Bahia – Campus V

À minha avó, que deixou em mim saudades. Por quem lutei para essa pesquisa: Joana Maria de Jesus (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Considerar que por um instante, tudo o que você planejou em se tornar profissionalmente é o resultado de anos de dedicação, vai mais além dos resultados do valor enquanto ser. São processos de aprendizagem!

Agradeço a Deus em primeiro lugar, que em sua infinita bondade e justiça ajudou-me a ser quem eu sou. Quem me deu a paciência. Quem, apesar dos pesares, estava ao meu lado quando tive medo e chorei por esse trabalho.

Aos meus pais, porque sabemos muito bem dos obstáculos que passamos durante quatro anos de faculdade. Diante das dificuldades se sacrificaram por mim acreditando e confiando no meu futuro. Amo-os de todo o meu coração.

Aos amigos-irmãos que me ensinaram e ensinam o valor da vida e de ser especial: Olívia do Carmo, Samuel Coelho e Liliane de Souza.

Aos amigos da vida acadêmica, que aproveito para pedir perdão por minha fase de estresse pré e pós TCC, Gadiel Santos, Tarcísio Riúna, Rebeca Almeida, Chauana Araújo, Taiane de Cerqueira, Sofia Reis, Paloma América e Maiara Soares. E Edmilson do colegiado de Urbanismo, pelas palavras de apoio.

Aos demais amigos e colegas Karina Laranjeira, Rafaela Anjos, Edtho Rael e Rosiclea Sabino dos Santos Coelho, por me incentivarem a continuar apesar de todos os desafios.

Agradeço aos mestres, Luiz Antonio e Miriam Velasco (especialmente por dispor de tempo e paciência numa contribuição digna), ensinaram-me que com toda a complexidade, os desafios do Urbanismo serão sempre de grande importância na minha vida.

Ao professor e orientador dessa pesquisa, Osvaldo Fernandez, apesar do pouco tempo que tive para executá-la.

Aos idosos entrevistados, que dispuseram do próprio tempo ao revelar os desejos pessoais de cada um. Foi um prazer tê-los conhecido e tê-los em meu trabalho.

A história do passado reflete na história do futuro. Toda a informação cultural é formada de história, e cabe ao idoso essa capacidade: memorizar a história e passar às gerações futuras (Nalvinha, 60 anos, entrevistada em novembro de 2014).

RESUMO

O Trabalho de Conclusão de Curso visa compreender os usos e a apropriação do espaço pelos idosos acima de 60 anos, que vivem na localidade da Ribeira. Especificamente busca-se identificar e caracterizar as práticas socioespaciais (trabalho, moradia, lazer e circulação) e a sociabilidade desses indivíduos no lugar. Os métodos empregados são de natureza qualitativa, com uso da etnografia, observação participante/direta e emprego de entrevistas abertas, semiestruturadas e gravadas. A partir disso espacializam-se os locais que se evidenciam significados na memória desses sujeitos sejam de afeto ou medo, com base no entendimento de autores especializados na área. Aponta-se a necessidade desses idosos em ter um espaço de lazer para se relacionarem com pessoas de outras idades, outras localidades, assim como de expressarem suas experiências passadas do que viveram.

Palavras-chave: Usos e apropriação do espaço. Lugar. Memória. Idosos. Ribeira.

ABSTRACT

The completion of course work aims to understand the uses and the appropriation of space by the elderly over 60 years, living in the town of Ribeira. Specifically seeks to identify and characterize the socio-spatial practices (work, housing, leisure and movement) and the sociability of these individuals in place. The methods are qualitative, with use of ethnography, participant/direct observation and use of open interviews, semi-structured and recorded. From this spatialize the locations that are evident meanings in memory of these subjects are of affection or fear, based on the opinion of expert authors in the area. It points the need of the elderly to have a leisure space to relate to people of other ages, other locations, as well as to express their past experiences than lived.

Keywords: Uses and appropriation of space. Place. Memory. Elderly. Ribeira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Porto dos Tainheiros, séc. XIX	24
Figura 2	Enseada da Penha (séc. XIX)	26
Figura 3	Solar Amado Bahia	28
Figura 4	Ponte do Crush	30
Figura 5	Fábrica Paraguassú, atual FAGIP S/A a partir do Largo do Papagaio	31
Figura 6	Largo da Madragoa em 2014	32
Figura 7	Sorveteria da Ribeira em 2014	33
Figura 8	Igreja Nossa Senhora da Penha (à esquerda) e a Igreja Nossa Senhora do Rosário da Penha (à direita)	34
Figura 9	Península de Itapagipe, no mapa das Regiões Administrativas do município (2007)	35
Figura 10	Mapa de delimitação da área de estudo	36
Figura 11	Bacia de Drenagem Natural de Itapagipe	38
Figura 12	Palafitas do Areal da Ribeira	42
Figura 13	Avenida Beira Mar (trecho em obras)	44
Figura 14	Calçadão da Praia do Bogary	44
Figura 15	Terminal Marítimo da Ribeira (ao fundo) a partir do Terminal de Ônibus	47

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	MEMÓRIA COMO ASPECTO DA CULTURA	15
3	O LUGAR E OS IDOSOS	19
4	DINÂMICA SOCIOESPACIAL DA ÁREA DE ESTUDO	24
4.1	ASPECTOS HISTÓRICOS E URBANÍSTICOS DA RIBEIRA	24
4.2	CARACTERIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DA LOCALIDADE	34
5	ESPAÇO, MEMÓRIA E OS IDOSOS DA RIBEIRA	48
5.1	PERFIL DOS ENTREVISTADOS	48
5.2	OS ENTREVISTADOS	49
5.3	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	60
6	CONCLUSÃO	66
	REFERÊNCIAS	68
	APÊNDICES	73
	ANEXOS	79

1 INTRODUÇÃO

As formas da produção espacial urbana estão vinculadas às práticas socioespaciais dos indivíduos. As diferenças das classes sociais e das características da população (idade, sexo etc.) revelam a natureza do acesso aos serviços urbanos e os processos de uso e apropriação do espaço por parte desses sujeitos (CARLOS; CASTRO, 2001).

O espaço urbano exprime a atividade dos indivíduos na cidade, portanto carregado de representações e significados para cada grupo social. Dessa forma o urbano constitui-se também do pensar subjetivamente, do sentimento e da memória. Essa dinâmica é passada pelo indivíduo “através da experiência do que viveu, não apenas com o outro, mas consigo também” (HAGUETTE, 1992, p. 31).

A partir do envelhecimento a pessoa se enriquece da memória produzida pelas práticas socioespaciais. Portanto, o idoso torna-se um importante colaborador em agregar toda identidade e sentimento quanto ao lugar (BOSI, 1994). Eles passam a ser referência na formação cultural do espaço urbano ao transmitir conhecimentos e vivências passadas.

No Brasil, conforme os dados estatísticos houve aumento da esperança de vida da população. Ou seja, deixou de ser um “país de jovens”, para um país com uma quantidade considerável de idosos. Esse aumento estimula reflexões, principalmente sobre a realidade social do país; a avaliação da qualidade de vida e os níveis de bem estar desse grupo; assim como o acesso aos espaços urbanos, serviços, bens e oportunidades por eles (PROJEÇÃO ..., 2013).

Essa pesquisa visa compreender a relação dos idosos acima de 60 anos¹ que vivem na localidade da Ribeira (Salvador-Ba) com o espaço urbano, valorizando a memória e as experiências de vida deles em épocas passadas. A escolha do lugar é motivada pelo laço afetivo da pesquisadora com o mesmo, assim como por ser um

¹ A Lei nº 8.842/94, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, considera idosa a pessoa de 60 anos e mais. A Organização Mundial da Saúde também define a população idosa como aquela a partir dos 60 anos de idade, no caso de países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil. O Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003) ratifica essa definição.

local muito procurado como lazer para algumas pessoas; carregado de significados e práticas culturais.

O objetivo desse trabalho é reconhecer os usos do espaço e as formas de apropriação e seu significado segundo a memória dos idosos da Ribeira. Identificando a relação desse grupo com o local no período 'passado' e no período 'atual'.

Entende-se como passado uma referência de até 80 anos atrás, considerando o maior período de moradia na localidade por parte dos entrevistados. Isso significa dizer que o estudo referencia os locais de convivência aproximadamente a partir da década de 1930. E o atual no ano de 2014.

Especificamente, esse estudo visa identificar e caracterizar as práticas socioespaciais (trabalho, moradia, lazer e circulação) e as relações sociais dessa faixa etária na localidade; apresentar os locais de afeto e medo para os idosos (antes e agora), através dos conceitos do geógrafo chinês Yu-Fu Tuan (1980; 1983), que aponta os entendimentos de topofilia e topofobia nas representações e significados do lugar para tais sujeitos.

Para a delimitação da área de estudo seguiu-se os critérios presente na coletânea do IBGE, *O caminho das águas em Salvador*. Foram também utilizados os indicadores demográficos do SIM de Salvador, além do Censo 2010 para descrição da Ribeira.

Os métodos e técnicas empregados são de natureza qualitativa, com uso da etnografia, observação participante/direta e emprego de entrevistas abertas, semiestruturadas e gravadas. As observações e entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro e novembro, sendo estruturadas com base nas questões centrais a pesquisar.

As pessoas selecionadas, que compõem o universo da pesquisa, constituem em 10 idosos, foram entrevistados 5 homens e 5 mulheres. A quantidade e escolha dos entrevistados não recorrem aos procedimentos estatísticos convencionais. Alguns desses entrevistados, nesse caso, a maioria mulher, foram indicados e apresentados por outras pessoas. Privilegiou-se esse tipo de contato, para garantir a

confiança e fluidez nas entrevistas. Já, no caso dos homens, a seleção dos entrevistados foi aleatória, pois o contato foi realizado na rua. A autora além da gravação também registrou em um diário de campo todos os depoimentos.

Quanto as moradias desses sujeitos observou-se que estão localizadas com um grau de dispersão em toda a localidade de estudo. Com idades entre 60 a 81 anos, a renda mensal deles variam entre 1 a 4 salários mínimos.

Por estar numa perspectiva do profissional urbanista, que busca se embasar também em referenciais teóricos das ciências sociais, especificamente na área da Antropologia, o foco, portanto, dessa pesquisa será analisar os resultados a partir da espacialização dos idosos.

O trabalho foi estruturado em cinco seções. A primeira seção é constituída por essa introdução; a segunda apresenta a apropriação do espaço, tempo e memória; a terceira seção aborda o entendimento de lugar e da condição de idoso, e os conceitos de topofilia e topofobia, definidos por Yu-Fu Tuan; a quarta seção subdivide-se entre os aspectos históricos e os aspectos socioespaciais da Ribeira, apresentando suas características geográficas, assim como os índices demográficos; na quinta seção são apresentados os dados e a análise dos resultados das entrevistas realizadas com os moradores idosos selecionados; na última seção, são expostas as considerações finais do trabalho, e apresentando propostas que permitam mais qualidade de vida e interação para os idosos da Ribeira.

2 MEMÓRIA COMO ASPECTO DA CULTURA

A memória permite a relação do corpo presente com o passado.

Ecléa Bosi, 1994, p. 46.

O estudo da vida urbana gera inúmeras hipóteses a respeito dos grupos sociais e como eles se apropriam do espaço. Os grupos sociais se diferenciam tanto na forma de dividir o próprio mundo quanto no modo de atribuir valores a suas manifestações culturais. Tais manifestações, coletivas ou individuais, segundo DaMatta (1997) e Jacques (2012) constituem categorias básicas do espírito humano, gerando uma continuidade entre a casa e os demais espaços da cidade.

O antropólogo baiano Thales de Azevedo (1989), em análise das formações culturais na cidade do Salvador, deixa evidente que na sua incerteza e na sua diversidade, o estudo da vida do homem no espaço e no tempo, constitui a essência da antropologia. É a aproximação do objeto empírico diante de uma visão compreensiva e não limitada dos planos geográficos e históricos, a verdadeira epistemologia dos fatos sociais e culturais.

Mas o que seria na visão do idoso baiano, soteropolitano, morador da Ribeira essa dinâmica (homem-espaço-tempo)? Como a memória desses indivíduos pode contribuir para as diversas transformações da *urbe*²? Diante dessas indagações essa seção abordará a memória como aspecto da cultura, e a influência da modernização na (re)produção espacial.

Na perspectiva antropológica, os estudos das cidades passam por inúmeros questionamentos e transformações. Principalmente do seu objeto de análise, a sociedade, que avança e é diferente em cada organização espacial. Conforme afirma Oliven (1980, p.24), “não é possível hierarquizar culturas em termos de valores, cada uma delas precisam ser analisadas em função da sociedade na qual existe”.

² Etimologia do latim designa um meio geográfico e social definido por uma grande concentração de população e uma enorme quantidade de serviços administrativos, comerciais, educacionais, profissionais, culturais, entre outros; o mesmo que cidade.

Os fenômenos da vida urbana possuem diversas interpretações (OLIVEN, 1980), algumas vezes equivocadas, perdendo assim, a objetividade quando são transmitidas. Sobretudo nos estudos de apropriação espacial por grupos sociais específicos, no caso dessa pesquisa, pelos idosos, que se apropriam dos espaços a fim de integrá-los às suas necessidades biológicas e relacionais.

Segundo Olgária Matos (1982) a análise da ciência social sobre a cidade e o modo de vida urbano deve ser entendida na sua complexidade, considerando todas as variáveis que aproximam a sociedade e a cultura. Para a mesma autora, os estudos norte-americanos, debruçados na ótica da estrutura e organização das sociedades, definem que são as funções e os papéis sociais os elementos desenvolvedores da cultura.

Na perspectiva de Oliven (1980) no envolvimento do pesquisador com seu objeto de pesquisa, ao se propor investigar os indivíduos como construtores e definidores da realidade ou dos fatos que vivenciam no espaço e no tempo no qual estão inseridos, o pesquisador também deve considerar a função e os papéis sociais de tais indivíduos. O homem, através das relações sociais, produz a dinâmica cultural, embora apareça como fenômeno externo e independente deste, ou seja, o comportamento social explica a cultura e não o inverso.

A explicação do comportamento social cultural está também relacionada com os processos da modernização (GIDDENS, 1991). A sociedade brasileira é marcada pelo seu desenvolvimento tardio, pela dependência e por uma certa marginalidade (OLIVEN, 1980). A dependência e a marginalidade, apontadas por esse autor, estão relacionadas com o extenso processo de migração do campo para as cidades, assim como com os processos da industrialização, que modificam as manifestações culturais. A articulação do que é tradicional com o moderno possibilita de maneira desigual e combinada as novas formas de cultura.

Porém, uma das tendências mais fortes das teorias que analisam a cidade, é a de considerá-la como uma variável independente. Sendo assim, segundo Oliven (1980), a cidade não é a causa dos processos sociais, ela é a consequência deles e do lugar onde ocorre.

Na perspectiva de alguns estudiosos da Escola de Chicago, entende-se que as formas de cultura estão marcadas pela fragmentação dos papéis sociais (OLIVEN, 1980), e que os papéis sociais surgem da oposição entre a ideia de culturalismo moderno e tradicional, modelos apresentados pelos sociólogos Louis Wirth e Robert Redfield (LINTON; REDFIELD; HERSKOVITS, 1936; WIRTH, 1997).

Para Robert Redfield (1936), a explicativa dos papéis sociais está no contato entre uma sociedade, numa perspectiva intercultural. Já Louis Wirth (1997), justifica que a fragmentação da cultura, através dos papéis sociais, está racionalizado pela vida humana nas grandes cidades, isto é com a “atitude mental” dos habitantes das metrópoles (símbolos da modernidade, onde tornou-se palco das formas modernas, racionais e individualistas da vida).

Outra vertente que aborda os entendimentos do desenvolvimento capitalista na formação da cultura, segundo Matos (1982), é a Escola de Frankfurt. Ela preocupa-se por relacionar as ideias de progresso, história, cultura e comportamento do homem a partir da *razão instrumental*, apoiada nos princípios pós marxistas. A razão instrumental é “a busca da eficiência e da produtividade, que transforma o indivíduo em instrumento de si mesmo” (MATOS, 1982, p. 45).

A materialização do tempo está relacionada com a forma que o indivíduo passa a transformar o espaço, e neste a construir e preencher das coisas que possam envolvê-los (temporariamente) ao lugar que ocupa (BERMAN, 1986).

Na análise de Matos (1982), a cultura está disposta na ocupação dos indivíduos no espaço vivido por meio da memória. É através do passado e da memória que se traduz o olhar do espaço-vivido (BOSI, 1994).

Através da memória a cultura é descrita como um fenômeno de caracterização social em constantes transformações. Ela é identificada na tríade ‘espaço-tempo-indivíduo’, no sentido de que dessa estrutura são dadas outras dimensões à reprodução da vida urbana, com respeito ao estranhamento com outras culturas. Quando então é permitido o ato de recordar o passado, começa-se a traçar uma nova ideia de espaço vivido, das relações sociais e dos valores adquiridos pelas pessoas. Para Velho (1980, p. 18),

A vida social e a cultura se dão em múltiplos planos, em várias realidades que estão referidas a níveis institucionais distintos. O indivíduo na sociedade moderna move-se entre esses planos, realidades, níveis e constitui sua própria identidade em função deste movimento.

O constituir da própria identidade está no entender a cultura de um determinado lugar como resultado de um espaço social, reflexo e condição para o surgimento de um sistema de relações (CESÁRIO; ALMEIDA; MAIA, 1996). Sendo assim, todo comportamento humano é artificial e não natural, em que através de sistemas simbólicos, o homem constrói um ambiente no qual ele mesmo vive e que está em constante transformação.

Sendo os homens culturais (CESÁRIO; ALMEIDA; MAIA, 1996), são dados valores na avaliação do ambiente em que vivem. Compreende-se o sentido de bem simbólico que eles agregam em diferentes tradições, representações sociais a partir das relações interpessoais, dos modos de vida e redes de sociabilidade. Ficam estabelecidas as visões que cada grupo social apresenta ao construir e dar significado ao lugar onde vivem.

A memória é desenvolvida na evocação e recordação da consciência melancólica, da existência do breve e do sombrio (BOSI, 1994). Assim, para compreender os usos e apropriação dos espaços urbanos por parte dos idosos na valorização da sua memória será apresentado na seguinte seção os entendimentos de lugar.

3 O LUGAR E OS IDOSOS

O espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado.

Yu-Fu Tuan, 1983, p. 151.

Essa seção visa abordar o significado de lugar, analisando as diferenças e fenômenos sociais que perpassam por ele. Portanto será contextualizado o conceito com base em alguns autores como Tuan (1980; 1983), Souza (2001; 2003), Santos (2008). Posteriormente serão descritas as transformações em relação do homem com o lugar, a partir de Berman (1986), focalizando a questão do idoso.

No lugar são expressas as relações humanas, isto é, a dinâmica entre o homem e a natureza tecida pelas diferenças sociais. De acordo com Santos (2008), a construção do lugar é dada pela multiplicidade dos ritmos de vida e formas de apropriação. O “lugar pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas, esta: lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção” (TUAN, 1983, p. 179).

O conceito de lugar na visão de Marcelo Lopes de Souza (2003) refere-se ao espaço vivido e dotado de significado, uma realidade construída com base na experiência concreta de indivíduos e grupos. A definição de lugar enquanto espaço vivido pode ser encontrada na relação da natureza com a sociedade; isto é, lugar é “resultado de uma interação entre o homem e a natureza bruta” (SANTOS, 2008, p. 28).

Velho (1980), ao discutir a relação entre a localização e o lugar, afirma que são nas diferenças e nas conexões desses aspectos norteadores, que se realiza o não-lugar, relacionado com o estranhamento, com a capacidade do indivíduo em constituir uma simbologia, com a aproximação dos fatos à realidade do espaço, com a identificação e com a familiaridade.

A definição de lugar está relacionada com a necessidade de inventariar, localizar e caracterizar os fenômenos e envolvimento com o espaço convivido, levando em consideração a forma, o contorno e o limite dele. Conforme alude Ana Fani Alessandrini Carlos (2007) os lugares:

São aqueles que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito ao seu cotidiano e ao seu modo de vida, onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é, pelas formas através das quais o homem se apropria e vão ganhando o significado dado pelo uso. [...]. São as relações que criam o sentido dos lugares [...]. Isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de forma, mas produzidas por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso (CARLOS, 2007, p. 18).

A concepção de tempo está ligada ao lugar e tem implícito o movimento, a liberdade, a acessibilidade, em que há tanto a tensão quanto a calma dos indivíduos. Assim por exemplo, enquanto jovem em constante movimento há a tensão; e a calma vem enquanto idoso, por meio das limitações físicas do corpo e do espaço (TUAN, 1983).

As limitações permitem que a relação do homem com o lugar seja cada vez mais encurtada e intensa. Na perspectiva do lugar a localização é dividida em *localização absoluta* e *localização relativa*. Absoluta, na medida em que são visualizados e identificados os locais que o homem intervém, sendo a paisagem o plano de sua sobrevivência na ordem social. E, relativa, quando é possível analisar as diferentes maneiras de comunicação entre as formas e funções que permeiam o espaço (DANTAS; MORAIS, 2008).

A configuração na relação espaço-tempo (ou lugar-tempo), concomitantemente, expõem alguns pontos de ocorrência de inúmeros fenômenos que são necessários à reprodução da vida nas cidades. Esses fenômenos são os processos históricos, que desencadeiam novas estruturas organizacionais advindas da intervenção humana que mudam a paisagem (CARLOS, 1994). O que distingue também as novas formas e funções das relações simbólicas (na ordem social e temporal) entre os indivíduos.

No caso das pessoas com idade avançada (idoso) as expressões, lugar e localização, são no cotidiano, alimentadas por meio de imagens e representações que guardadas em suas memórias, compõe um conjunto de valores que eles viveram (BOSI, 1994). A narrativa da experiência que o idoso possui com o lugar através do tempo, permite saber como eles se relacionaram no passado e se relacionam no presente em meio a diferentes abordagens. Portanto,

O lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático. Se víssemos o mundo como processo, em constante mudança, não seríamos capazes de desenvolver um sentido de lugar (TUAN, 1983, p. 198).

Segundo Liliane de Souza (2010) são nos lugares que se executam as experiências de sobrevivência e a construção da identidade espacial. A mesma autora afirma que, “é através dessas atividades e produções que uma comunidade constrói símbolos, signos e características do lugar em que se encontra” (SOUZA, 2010, p. 66).

Na visão do geógrafo Angelo Serpa (2012) os lugares são compreendidos como “plataformas”, com caráter eminentemente espacial com envolvimento de agentes, que apropriam-se do espaço de formas multiescalares, fazendo da comunicação um recurso entre o diálogo do conhecimento popular e o conhecimento acadêmico.

Tanto para Serpa (2012), quanto para Tuan (1983), o conceito de lugar está relacionado com as ações e os discursos que constroem as memórias espaciais; tais ações são sempre provisórias, inacabadas e instáveis, e se articulam aos lugares em diferentes recortes temporários. Ou seja,

O fato é que tempo e espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens. Sobretudo o tempo que é e simultaneamente passa, confundindo a nossa sensibilidade e, ao mesmo tempo, obrigando a sua elaboração sociológica. Por tudo isso, não há sistema social onde não exista uma noção de tempo e outra de espaço. (DaMATTA, 1997, p. 28).

Com base em Santos (2008), Candau (2011), e ainda, Nascimento; Maia (2013) o significado de lugar, considerado em sua essência, se explica também, através da história do ambiente vivido que modifica as relações sociais. E essas relações, conseqüentemente, impactam a estrutura do lugar numa relação dialética.

Quando se analisa os usos e a apropriação do lugar pelos idosos mostra-se que a função social exercida durante a vida ocupa parte significativa da memória deles, e isso não ocorre por acaso. Mesmo não sendo mais membros ativos da sociedade, os idosos narram suas histórias de vida transmitindo uma memória social atual mais contextualizada e definida, pois são expectadores de um quadro já finalizado e bem delineado no tempo (BOSI, 1994).

A memória é uma forma cognitiva de armazenamento das representações do passado, em que é submetida a configuração de espaço e lugar. Nessa circunstância, compreende que a memória contribui aos indivíduos como mecanismo da manifestação ou interferência deles no ambiente vivido. Sendo focalizada em coisas específicas ela também deteriora-se com a idade (CANDAU, 2011).

Para Carlos (2007) há também no lugar, o predomínio do contraditório que ocorre entre o que o mundo anuncia e a especificidade da própria história. Nesse aspecto do contraditório, no lugar também é celebrado as novas organizações e reorganizações da natureza advindas da modernidade, e como aponta Berman (1986), essas formações organizacionais de uma cidade em vista das expressões de vida humana,

[...] são os processos ativos e generativos através dos quais uma coisa conduz a outra, sonhos se metamorfoseiam em projetos, fantasias em balanço, as ideias mais exóticas e extravagantes se transformam continuamente em realidades (“populações inteiras expulsas de seu habitat”), ativando e nutrindo novas formas de vida e ação (BERMAN, 1986, p. 107).

Os processos que desencadearam essa complexidade no entendimento de lugar colocam em série questões muito perceptíveis na dinâmica urbana, já que nas cidades, há mais pessoas, que geram novas formas de interação entre elas, que atraem mais pessoas com o sonho de algo melhor, mas que também possuem identidades étnicas, culturais e socioespaciais (SILVA; MANETTI, 20--?). Sobretudo, porque as cidades assim como as pessoas têm personalidades.

Com base em Tuan (1980) as experiências vividas no lugar podem se transformar em sentimentos profundos, o que o autor introduz como conceitos de *topofilia* e de *topofobia*. Topofilia enquanto capacidade que o indivíduo tem ao incorporar sentimentos de afeição, simpatia e admiração estética pelo lugar e sua paisagem (meio ambiente material) de valor. No entanto, a familiaridade ao lugar, pode apresentar o contrário, que seria o desprezo, a repulsa e a aversão por determinados locais que são considerados feios, desagradáveis, provocando os sentimentos de desconforto ou medo, definidos como topofobia.

Para Yu-Fu Tuan (1980) a topofilia e a topofobia, além de teorias que dizem sobre o sentir e o pensar do indivíduo em relação ao lugar, são demonstrações da relação dialética entre o homem e o lugar – construção puramente humana – visto

que os significados decorrentes dessa ligação conduzem às ações humanas sob o âmbito cultural, social e histórico.

O tempo, em constante movimento, agrega no lugar a força entre o passado, o presente e o futuro, onde as diferenças entre a sensação de tempo que afeta a sensação de lugar são distintas no curso da vida (TUAN, 1983). Portanto, reconhecer os lugares de afeto e medo por intermédio das informações/depoimentos através da memória dos idosos é representar o sentimento de certeza, de pertença e vinculação da experiência de reviver do outro para a nossa própria reflexão.

Portanto serão apresentados na próxima seção os aspectos históricos e socioespaciais da localidade escolhida para essa pesquisa.

4 DINÂMICA SOCIOESPACIAL DA ÁREA DE ESTUDO

Para analisar com mais profundidade a dinâmica do local de estudo, primeiramente serão descritos os fatos históricos que deram origem a área, (Figura 1) e, conseqüentemente, a sua estruturação urbana.

Figura 1 – Porto dos Tainheiros, séc. XIX



Fonte: SALVADOR. Fundação Gregório de Mattos apud SANTOS, Elisete et al. (org.), 2010, p. 389.

Após, numa abordagem socioespacial, serão caracterizadas as especificidades da Ribeira, a partir dos processos de ocupação da população, do setor industrial, além da exposição dos indicadores demográficos.

4.1 ASPECTOS HISTÓRICOS E URBANÍSTICOS DA RIBEIRA

A historiadora Kátia Mattoso (1992) descreve que a cidade do Salvador fora formada por alterações geológicas de ações temporais, dividindo-a em Cidade Alta e Cidade Baixa. Dos terrenos sedimentários emersos formaram-se planícies costeiras ao pé do escarpamento de uma falha imensa “a falha de Salvador”, a Península de Itapagipe³. Dentro deste processo natural encontra-se a localidade conhecida como Ribeira.

³ Itapagipe deriva da palavra itapé-gy-pe, na língua Tupinambá que encurtando do vocábulo itapeba, significa pedra chata ou laje, segundo Consuelo Pondé, a partir de Theodoro Sampaio (ver em SANTOS et al, 2010, p. 183).

De origem portuguesa Ribeira significa ancoradouro para embarcação (e reparação) de naus. Ou, conforme Houaiss; Villar (2009, p. 1.666),

1. terreno baixo, adjacente às margens de um rio e geralmente banhado por ele. 2. terra baixa e alagada pelas águas de um rio ou mar. 3. curso de água, navegável ou não, entre margens próximas, maior que os regatos e riachos e menor que os rios; pequeno rio, ribeiro. 4. (no Nordeste do Brasil) zona rural que compreende um certo número de fazendas para criação de gado. 5. margem de rio onde se construíam ou reparavam navios. 6. faixa de terra, a região litorânea em que se estabeleciam arsenais e se construíam ou reparavam navios.

Alguns historiadores descrevem que o originário do nome vem da Ribeira das Naus na Bacia do Tejo, em Lisboa, onde ficavam os grandes estaleiros portugueses de construção naval e reparos de naus. Com o passar do tempo Ribeira virou sinônimo de estaleiro (HISTÓRIA DE SALVADOR..., [200-]; AEPI, [20--?]).

As reentrâncias e os canais perenes da Enseada dos Tainheiros foi um dos locais prediletos pelos portugueses já que ali instalaram seus diversos ancoradouros e estaleiros (HISTÓRIA DE SALVADOR..., [200-]). No ano de 1550, na localidade foi construída uma Empresa de Concerto e Fabricação de Embarcações a mando de Tomé de Souza, já que a posição em relação ao mar era propícia a qualquer atividade marítima (CARDOSO 2004 apud LUTHER, 2012, p. 50), como toda a Península de Itapagipe. Durante o século XVII (1601 -1700), a precariedade de acesso aos caminhos por terra permitia que as pessoas preferissem alcançar a Ribeira por mar (LUTHER, 2012). Banhada por água na sua extensão, a sua orla marítima (ou beira-mar) vai da Avenida Beira Mar (em divisa com o Bonfim) até a Avenida Porto dos Mastros.

A Ribeira fazia parte da Freguesia de Nossa Senhora da Penha, criada em 1760, sendo a primeira freguesia de Itapagipe (FERREIRA, 1958). Como matriz da freguesia estava a Igreja de Nossa Senhora da Penha de França, construída antes em 1742, foi Palácio de Verão do Arcebispo D. José Botelho de Mattos, voltada para praia da Penha.

O termo freguesias faz parte da tradição eclesiástica portuguesa (SALVADOR, SEDHAM, COPI, 2009). Tais freguesias foram organizadas relativas à

catequese e missões, se constituindo numa das primeiras subdivisões territoriais adotadas no período colonial para fins administrativos e censitários,

O termo freguesia se refere à menor divisão administrativa. Durante o período colonial não havia distinção entre freguesia e paróquia, ou seja, a estrutura administrativa civil não se distinguia da estrutura eclesiástica. As províncias eram divididas em municípios que por sua vez eram divididos em freguesias. Após a proclamação da República a Igreja e o Estado se dissociaram, ganhando este a autonomia administrativa, e as províncias transformaram-se em estados autônomos, divididos em municípios, podendo ser divididos apenas para fins administrativos (como as subprefeituras, os distritos e os bairros), apesar de outras freguesias serem ainda criadas após a Proclamação da República (LUTHER, 2012, p. 51).

Até meados do século XIX (1801-1837), as discussões se a Freguesia de Nossa Senhora da Penha era urbana ou rural – já que esta possuía características antagônicas (Figura 2) –, entretanto essa ficava no perímetro urbano da cidade soteropolitana.

Figura 2 – Enseada da Penha (séc. XIX)



Fonte: GÓIS, Ana. *De Água de Meninos a Itapagipe*. Blog Mais de Salvador, 25 out. 2011 (b).

Segundo Luther (2012), havia outra forma de delimitação (apenas na região de Itapagipe), bem antes das freguesias, que foi através da construção de engenhos, que ficavam fora da muralha da cidade. Em 1551 foram edificadas o Engenho de Itapagipe de Cima, que compreendia a Ribeira e Penha, e o Engenho de Itapagipe de Baixo, que compreendia a região de Monte Serrat e Boa Viagem.

Desde a fundação da cidade do Salvador, a região da Península, sobretudo a Ribeira já apresentava ocupação, principalmente, dos indígenas, havendo sido

cogitado então, a transferência do centro da capital-colônia para lá, já que a insegurança causada pelos frequentes desmoronamentos⁴ de terra no Centro era constante (FERREIRA, 1958).

Assim descreve Ceila Cardoso (2002),

Algumas controvérsias houve sobre o melhor lugar onde edificar a capital-colônia. Consideravam-se os confins da península como lugar possível a sediá-la por estar em sítio deleitável, abrigado dos ventos e marés. Calma enseada, sólida implantação. (CARDOSO, 2002, p. 2).

Esse interesse dava-se também devido à beleza natural do local, o clima e a facilidade de navegação (FGM; UFBA; CEAB, 1998 apud LUTHER, 2012), imediatamente descartado já que o terreno era vulnerável à ataques dos demais colonizadores europeus. Logo, após a fundação da cidade, a localidade abrigou diversas olarias, engenhos, currais, estaleiros e alambiques (CARDOSO, 2002).

Sobre as olarias instaladas, inclusive na Ribeira, assim descreveu Américo Simas (1978 apud CARDOSO, 2002),

Na Ponta de Itapagipe ‘estão umas olarias de Garcia D’Ávila e um curral de vacas do mesmo, a qual ponta bem chegada ao cabo dela tem uma aberta pelos arrecifes por onde entram caravelões que com o tempo se recolhem aqui, e da boca da barra para dentro tem uma calheta onde estes caravelões e barcos estão seguros. (...). Nesta ponta, quando se fundou a cidade houve pareceres que ela se edificasse por ficar mais seguro e melhor assentada e muito forte a qual está norte e sul com a ponta do Padrão (SIMAS, 1978, p. 57 apud CARDOSO, 2002, p. 2).

Alguns registros históricos (LUTHER, 2012; CARDOSO, 2002, 2011; descrevem a importância bucólica, salubre e de veraneio na Ribeira de Itapagipe; assim como das atividades produtivas ali desenvolvidas dentre elas,

A indústria da olaria, a pesca da baleia para a extração do óleo, o cultivo da cana-de-açúcar, a exploração das madeiras ali existentes, além dos estaleiros para a fabricação de embarcações (CARDOSO, 2002, p. 2).

⁴ Da topografia de Salvador Kátia Mattoso (1992), assinala: “Abaixo de oitenta metros de altitude, os solos do *horst* surgiram da alteração das rochas cristalinas: são, sobretudo, argilosos (caulinizados), mas firmes. Se horizontais, têm uma certa estabilidade, mas nos declives mais inclinados, ocorrem frequentes deslizamentos de terreno após chuvas fortes” (MATTOSO, 1992, p. 46).

Por estar em uma região aprazível a Ribeira também serviu de local para repouso e propício ao tratamento de enfermidades (MATTOSO, 1992), seja pela diferença da paisagem natural⁵, seja pelas pessoas de hábitos simples ali que residiam, crescendo assim as ocupações, o número de edificações e as pessoas, onde a elite construía os mais belos casarões (Figura 3)⁶.

Figura 3 – Solar Amado Bahia



Fonte: MONTALVÃO, Morgana Neves. *Um olhar sobre a Ribeira: uma viagem no tempo*. Blogspot.com, 02 dez. 2010.

Da elite que residiram no lugar exprime-se também na importância histórica, cultural do Solar Amado Bahia, segundo informações do Livro de Belas Artes (1981 apud Arquivo Noronha Santos, 20--), em 1966 foi instalado neste mesmo solar o Centro Educacional Amado Bahia. A partir de 21 de janeiro de 1900 fundou-se no imóvel a Associação dos Empregados no Comércio da Bahia.

A modernidade que chegou na localidade também fez-se instalar o primeiro Hidroporto da cidade, (conhecido como, Píer Salvador), especialmente pelas influências advindas do processo de industrialização. Abrigou-se nesse sítio histórico

⁵ Para Thales de Azevedo (1989) a busca pelo repouso, da cura orgânica e psicológica era bem comum entre os estamentos superiores da sociedade soteropolitana, seja para veranejar nas povoações afastadas dos “centros”, seja para passar férias ou para o bem estar físico.

⁶ Entre as famílias estão: Amado Bahia, Machado (donos da Fábrica de Confecções e Tecidos Paraguassú – Companhia Progresso Industrial da Bahia), Dorea (de origem italiana, foram donos do casarão localizado no Largo da Madragoa, ver mais sobre a família na obra de Thales de Azevedo, *Italianos na Bahia e outros temas*, de 1989), Pereira Brito (donos da Farmácia Brito), Groba (donos da Pastelaria Las Palmas), Almeida (fundadores do Bloco dos Velinhos Transviados), além da família Short de grande legado, que tem espalhado na Ribeira seus descendentes (RIBEIRA..., 2012).

um significativo número de empresas relacionadas à atividade fabril até meados do século XX⁷.

Mas outras formas de subsistência já existiam no lugar, em destaque aos pescadores que utilizavam das jangadas, saveiros e outras embarcações (AMADO, 1982), atracadas no Porto dos Tainheiros, para comercializar os produtos provindos da Ribeira ou nas terras do subúrbio, daí garantir o sustento familiar.

Sobre essas embarcações e a produção da Ribeira, Ana Góis (2011, a) a partir da citação de Anna Amélia Vieira Nascimento (2007), descreve:

[...] existiam estaleiros para a construção de grandes embarcações ou de fragatas. No sítio do Papagaio encontravam-se os alambiques para destilar a cachaça, e numerosos lugares onde se encontrava pescado. (...). Na Ribeira de Itapagipe, povo podia atravessar em barca, de um lado para o outro, procurando a terra firme dos subúrbios, sendo animais também aceitos nesse precário meio de transporte (NASCIMENTO, Anna, 2007 apud GÓIS, 2011).

No Largo da Penha havia muitas oficinas para a construção e consertos de grandes embarcações⁸, em destaque, a Oficina de Navegação Bahiana de 1949. Enquanto parte do conjunto arquitetônico pertencente à Companhia de Navegação a Vapor Bahiana Steam Navigation Company Ltd., com sede em Londres, e a partir do ano de 1873, na Bahia, passou a denominar-se de Companhia de Navegação Bahia (LUTHER, 2012).

No mesmo largo, perto da paróquia de Nossa Senhora da Penha de França⁹, “passou a concentrar uma indústria têxtil que ali fixou uma mão de obra bastante considerável” (MATTOSO, 1992, p. 440), essa era a Fábrica de Tecidos Nossa

⁷ De acordo com a tese de Luther (2012) constatada nos livros do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU) do Arquivo Histórico Municipal de Salvador (AHMS), no ano 1955. Ver quadro das indústrias no Apêndice A.

⁸ Mesmo com o crescimento das oficinas de reparo na Ribeira em meados do século XIX, segundo Luther (2012), as expedições marítimas de Tomé de Souza encontraram a área como um ponto propício para o conserto dos navios.

⁹ Segundo Mattoso (1992), na Igreja de Nossa Senhora da Penha em 1745, abrigou-se a imagem do Senhor do Bonfim, oferecida pelo então capitão da época, Teodósio Rodrigues de Faria. E, nove anos depois (1754), após construída a igreja do Nosso Senhor do Bonfim é que a imagem do santo fora retirada da Penha para o Bonfim.

Senhora da Penha¹⁰. E, ao lado dessa estava um local também de reparos de embarcações (de médio e pequeno porte), onde se fazia muitos bailes de carnaval, entre outras festividades, o Clube de Regatas de Itapagipe¹¹.

Na Avenida Beira Mar, encontra-se o prédio da Fábrica Monsanto (1948), no trecho que segundo Santos et al. (2010) é pertencente a localidade. Essa é uma indústria multinacional de agricultura e biotecnologia com sede nos Estados Unidos e filiais espalhadas pelo Brasil (SANTOS, 2009 apud LUTHER, 2012), produtora fertilizantes. A sua principal referência é a Ponte do Crush (Figura 5).

Figura 4 – Ponte do Crush



Fonte: LUTHER, Aline de Carvalho, 2012.

Através do documentário de Diego Mascarenhas dos Santos¹² (2009), esse píer foi construído em 1948, e situado em frente do edifício servia para escoamento da produção química da Monsanto.

A expansão ocasionada pela instalação das indústrias¹³ e, as atividades do ramo fabril se tornaram fortes, a comunidade de características interiorana foi, aos

¹⁰ Atualmente esse patrimônio faz parte de um dos edifícios do DETRAN, estando o prédio central em desuso. Cogita-se que o prédio central será a sede da Associação Fábrica Cultural, com objetivo de promover projetos, ações e metodologias educativas, culturais e produtivas, visando fortalecer as pessoas e a identidade local, por iniciativa do Governo do Estado.

¹¹ Observou-se em visita a Ribeira que o local encontra-se fechado, e segundo alguns moradores há anos que o edifício está em condições de total abandono.

¹² Apresentado a Faculdade de Comunicação da UFBA em 2009, trata-se de um trabalho de conclusão em Jornalismo, em que o autor traz histórias em audiovisual sobre a Ponte do Crush, as memórias da comunidade local próxima a esta e a fábrica instalada defronte a este píer.

poucos, substituída por um número crescente de operários. Esses ergueram suas casas com estruturas semelhantes aos imóveis burgueses da era industrial francesa e inglesa. Noutros casos ocuparam as habitações proletárias dentro dos lotes em que foram construídas as fábricas (CARDOSO, 2002; BIERRENBACH, 2011; LUTHER, 2012).

Como exemplo desse modelo habitacional foi a Fábrica Paraguassú¹⁴ (Figura 6), ou Companhia Progresso Industrial da Bahia, que pertencia a João Baptista Machado, que possuía um solar ao lado da empresa.

Figura 5 – Fábrica Paraguassú, atual FAGIP S/A a partir do Largo do Papagaio



Fonte: LUTHER, Aline de Carvalho, 2012.

Conforme descreve Nara Gomes¹⁵ (2007 apud LUTHER, 2012),

A Fábrica Paraguassú possuía uma Vila Operária, fundada em 1902 e construída pela Companhia Progresso Industrial da Bahia, na Avenida Carneiro Rocha (atual Avenida Caminho de Areia, sendo composta por 48 unidades, distribuídas em 2 quadras). No ano de 1924 a companhia apresentou um projeto para edificar 200 novas unidades, destinadas à habitação dos operários de suas fábricas, na mesma avenida, porém estas não foram construídas (GOMES, 2007 apud LUTHER, 2012, p. 302).

Segundo Ceila Cardoso (2011), no início do século XX (por volta de 1912), o então governador do Estado da Bahia, José Joaquim Seabra (ou J. J. Seabra) – com seus ideias de progresso e modernização – foi o maior incentivador na construção dessas vilas operárias. Ele atribuiu isenção total de impostos de transferência dos imóveis e no investimento das benfeitorias ao liberar terrenos baldios para construção de casas particulares, além de casas para alugar aos operários.

¹³ Ver mais no OCEPLAN-PLANDURB-PMS. *EPUCS: uma experiência de planejamento urbano*. Salvador: Série Estudos Informativos, nº 1, 1976.

¹⁴ Atualmente conhecida como Fábrica de Gases Industriais Agro Protetoras FAGIP S/A. Indústria de médio porte, que ocupa uma área de 19.856m²; única indústria têxtil em Itapagipe e pioneira no controle ambiental monitorado pelo IMA (LUTHER, 2012, p. 302).

¹⁵ Em trabalho de conclusão de curso, em História do Patrimônio Cultural, a autora apresenta um inventário de todas as indústrias do ramo têxtil, principalmente as que se localizam na Ribeira.

Em 1920, através do Projeto de Melhoramentos Urbanos¹⁶, o mesmo governador, além de melhorar os serviços de transporte e iluminação públicos, interviu na estrutura física da Ribeira com as operações de dessecamentos e drenagens, como foi no Largo da Madragoa (Figura 7). “Transformando um antigo pântano em uma praça com calçamento e coreto” (CARDOSO, 2011, [s.n]).

Figura 6 – Largo da Madragoa em 2014



Fonte: VIEIRA, Michele Santos. Outubro de 2014.

Desde a década de 1920, as intervenções urbanísticas na localidade não paravam, e, desse mesmo projeto, foi alargada e pavimentada a Avenida Mem de Sá, além de redesenhada a Praça General Osório¹⁷ e também a balaustrada de todo o percurso à beira-mar da Avenida Porto dos Mastros.

O Quadro 1 sintetiza em ordem cronológica os principais fatos ocorridos na localidade da Ribeira de meados do século XVI até o início do século XX.

Quadro 1 – Síntese cronológica (épocas/décadas) de transformações urbanas entre 1551 a 1920

Período	Intervenções urbanas	Características
1551	Engenhos em Itapagipe	São edificados os engenhos em Itapagipe, para delimitar a área em Itapagipe de Cima (Ribeira e Penha) e Itapagipe de Baixo (Monte Serrat e Boa Viagem)
1760	Freguesias (primeira divisão recenseadora do Brasil)	Criada a primeira freguesia de Itapagipe, a Freguesia Nossa Senhora da Penha.

¹⁶ Esse fora um projeto de idealizações urbanas que trouxe uma modernização da cidade. Aterramentos na linha da Baía de Todos os Santos, inclusive a partir do porto marítimo, alargamento das vias por toda Cidade Baixa e avanços nos transportes urbanos (CARDOSO, 2011).

¹⁷ Conhecida também pelos moradores ou como Praça General Justo ou Largo da Ribeira.

1892	Delimitação das localidades do município por Subdistrito	Através da Lei Municipal de 05/08/1892, originam os subdistritos da cidade do Salvador, entre eles o Subdistrito da Penha
1912	Liberação para construção de vilas e residências operárias	O governador José Joaquim Seabra favorece com isenção total de impostos os industriários que construir imóveis aos seus operários.
1920	Projeto Melhoramentos Urbanos	Melhoramento nos serviços de transporte, iluminação pública. Intervenção física com as operações de dessecamentos e drenagens no Largo da Madragoa.

Fonte: Elaborado por VIEIRA, Michele Santos, em setembro de 2014, com base nas informações descritas.

Dentro dessas mudanças/intervenções implantadas no lugar é também entre as praias do Bogary e da Penha, na Sorveteria da Ribeira (Figura 7), Cabana do Bogary ou como era no Banco dos Vadios¹⁸ que o gosto dos moradores pela localidade, dá-se pela sua história e paisagem.

Figura 7 – Sorveteria da Ribeira em 2014



Fonte: VIEIRA, Michele Santos. Outubro de 2014.

Para os moradores a importância do local está também nas procissões religiosas (Páscoa, Ação de Graças, reza do Santo Antônio) que aconteciam também dentro das casas, entre familiares¹⁹; nos antigos festejos, como a *Segunda-feira gorda*²⁰ (FERREIRA, 1958); assim como dos grupos de catequeses, corais

¹⁸ Surgiu na década de 1940 por um grupo de 14 senhores, que jogavam dominó todo fim de tarde debaixo de uma Nogueira (árvore). Atualmente está instalada a sede da Cabana do Bogary. Ver matéria no Anexo A.

¹⁹ Conforme declarou a senhora Diva, em entrevista à autora da pesquisa.

²⁰ Ver Anexo B. O festejo ocorria após a Lavagem do Bonfim e só acabava na madrugada do dia seguinte; atraía gente dos municípios de Simões Filho, Candeias e Madre de Deus (SANTOS et al., 2010)

(como o Coral da Penha e Coral Regina Sacratissimi Rosarii), recitais de músicas eclesiásticas na Igreja Nossa Senhora da Penha de França e da Procissão das Rosas do Rosário Vivo na Igreja Nossa Senhora do Rosário da Penha (Figura 8).

Figura 8 - Igreja Nossa Senhora da Penha (à esquerda) e a Igreja Nossa Senhora do Rosário da Penha (à direita)



Fonte: VIEIRA, Michele Santos. Outubro de 2014.

Sendo a Igreja Nossa Senhora do Rosário construída por escravos já que foram proibidos de adentrarem na Igreja da Penha de França, sendo concluída a obra em 1802 (MONTALVÃO, 2010)

4.2 CARACTERIZAÇÃO SOCIOESPACIAL DA LOCALIDADE

A Ribeira situa-se a noroeste da cidade do Salvador, na ponta peninsular da capital do Estado da Bahia, Região Administrativa II – Itapagipe (Figura 9) –, considerada uma das áreas mais antigas do município (PDDU..., 2007).

Figura 9 – Península de Itapagipe, no mapa das Regiões Administrativas do município (2007)

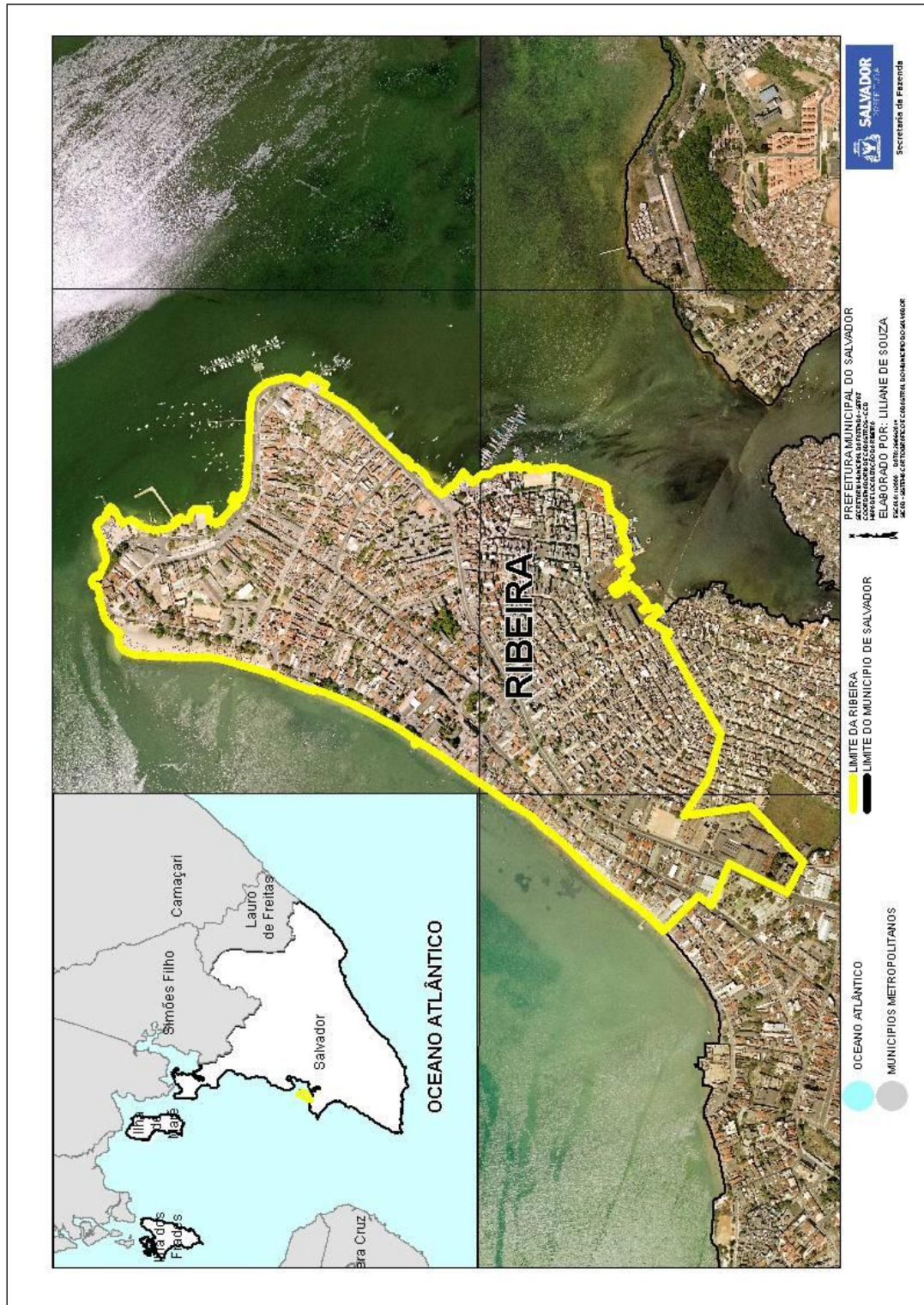


Fonte: PDDU de Salvador, 2007.

Nota: adaptado por VIEIRA, Michele Santos em 2014 para dar destaque a região administrativa onde se localiza a Ribeira.

A localidade (Figura 10) em sua extensão constituída de orla marítima é banhada tanto pela Baía de Todos os Santos, quanto pela Enseada dos Tainheiros (CARDOSO, 2002).

Figura 10 – Mapa de delimitação da área de estudo



Fonte: SOUZA, Liliâne Santos de, 2014.

Para a delimitação da área da Ribeira foram utilizados os recursos SIG e sua aplicação no cadastro urbano. Recorrendo a bacia hidrográfica e de drenagem natural local, tendo como princípio norteador as noções de identidade e de

pertencimento dos moradores, presente na coletânea do IBGE, *O caminho das águas em Salvador* (2010).

Essa delimitação,

Inicia-se na Linha de Costa em frente a Travessa Porto do Bonfim. Segue pela Linha de Costa até a Rua Mangueira da Ribeira, por onde segue até a Rua Capitão Eugênio. Segue nesta via até encontro entre a referida rua e a Rua Jorge Leal Gonçalves, por onde segue até o muro do SESI Ribeira, por onde segue até a Rua Jardim Alvalice. Segue nesta via até o cruzamento com a Avenida Porto dos Mastros, por onde segue até a Rua Visconde de Caravelas, por onde segue até o cruzamento com a Travessa Porto do Bonfim. Segue nesta via até alcançar o ponto de onde teve início a descrição deste limite (SANTOS; PINHO; MORAES; FISCHER, 2010, p. 389).

Na Macrozona de Ocupação Urbana²¹ do município, subdividida na Macroárea de Requalificação Urbana (Subseção II, Art. 133 da Lei nº 7400/08), a extensão territorial da Ribeira é de 85,68 hectares (ha), algo em torno de 0,86km². Trata-se de uma área de ocupação consolidada, com boas condições de acessibilidade e de infraestrutura urbana, mas que vem apresentando tendência à perda de população e à evasão da atividade econômica (SALVADOR, PDDU..., 2007).

Segundo a Lei Orgânica do Município (PDDU..., 2007), a Ribeira pertence a Macrounidade 01 (AUC²²), que são as “áreas de ocupação mais antiga de Salvador, que evoluíram a partir do núcleo de fundação da Cidade até preencher toda a ponta da Península” (SALVADOR, SEDHAM, COPI, 2009, p. 32). Em uma região considerada a mais plana²³ da cidade, essa localidade está voltada para as localidades do Bonfim e Mangueira (ver Figura, p. 38).

Composta na Bacia de Drenagem Natural de Itapagipe (Figura 11), com dimensão de 9.979km², e uma população de 182.429 habitantes – somando todos

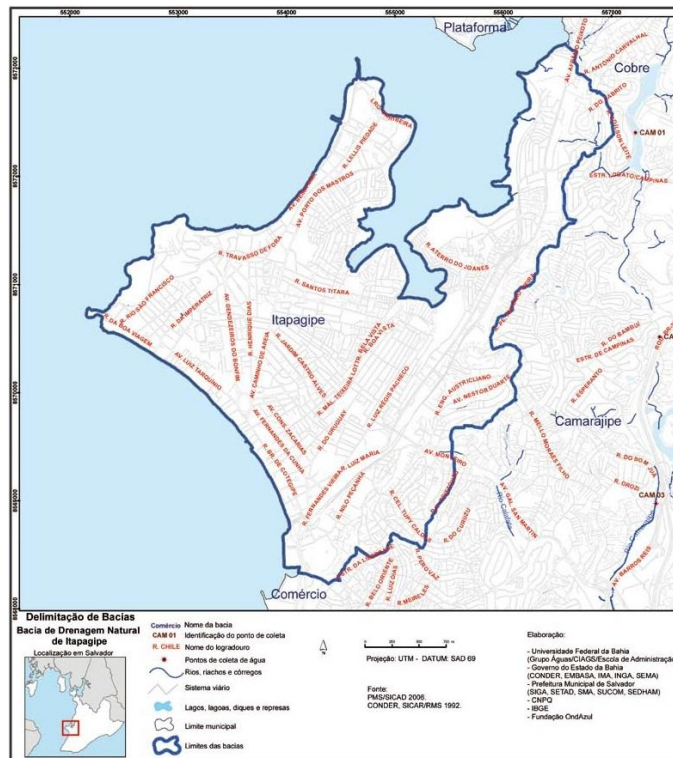
²¹ Compreende por Macrozona de Ocupação Urbana, segundo Art. 132 do PDDU (2007) “os espaços urbanizados do Município em seus diversos estágios de estruturação, qualificação e consolidação, destinando-se à moradia e ao exercício de atividades econômicas e sociais predominantemente urbanas, e comportando níveis diferenciados de densidade populacional e de ocupação do solo” (SALVADOR, PDDU, 2007, p. 75).

²² AUC ou *Área Urbana Contínua* é uma subdivisão da área urbana de Salvador de acordo com o PDDU de 1985 (SALVADOR, SEDHAM, COPI, 2009, p. 104).

²³ Mas que em meados do século XVII, era de difícil acesso porque possuía caminhos precários permitindo que a opção de acessá-la por mar fosse a mais utilizada (LUTHER, 2012).

os moradores das localidades que a compõe –, correspondendo 6,82% (aproximadamente) da população soteropolitana (IBGE, 2011), e com localização lindeira à Baía de Todos os Santos.

Figura 11 – Bacia de Drenagem Natural de Itapagipe



Fonte: SANTOS et al. (orgs.), 2010, p. 364.

Das questões ambientais, a de característica bastante marcante dessa bacia – além dos casos de pesca predatória – é a contaminação de águas. A Enseada dos Tainheiros foi considerada por especialistas como a área de maior contaminação por esgotos e metais pesados (SANTOS et al, 2010).

Baseado na dissertação de mestrado de Taoan Silva Franklin²⁴ (2009), esses processos de impacto ambiental sobre a hidrodinâmica local é condizente quando,

As alterações na morfologia original geralmente tendem a reduzir o espelho d'água e limitar o uso destas áreas para fins pesqueiros, recreativos, turísticos e de navegação. Além disso, a emissão de dejetos urbanos e industriais gera a acumulação de resíduos sólidos e a perda da qualidade da água. Tais problemas têm chamado

²⁴ Ver a mais no trabalho, *A ocupação da orla da Baía da Ribeira e seus impactos sobre a hidrodinâmica local: uma investigação através de modelagem numérica*. Salvador: UFBA, 2009.

progressivamente mais a atenção da sociedade, e se tornado social e cientificamente mais relevantes (FRANKLIN, 2009, p. 2).

Essa bacia guarda, em muitas das suas localidades, um tradicionalismo no estilo de vida dos seus moradores, sob muitos aspectos. Em entrevista ao Jornal A Tarde (2003, ver no Anexo C), o morador, senhor Afonso San Thiago, afirmou não sentir a menor vontade de morar na Cidade Alta, já que em sua opinião tudo é mais tranquilo dentro da Ribeira.

Para caracterizar a população nas suas características demográficas, especificamente, relacionadas com a composição etária, com base nos dados do último Censo (2010), serão comparados os dados da localidade em estudo com relação aos dados gerais de Salvador.

O município do Salvador, segundo censo IBGE (2010) tem 2.642.813 habitantes, sendo 1.410.544 mulheres e 1.232.269 homens. Observando a composição por faixa etária pode-se verificar a tendência de envelhecimento da população. Conforme dados apresentados no Apêndice B, a faixa etária de 20 a 29 anos (20,33%) tem maior população (ver Tabela 1). Sendo que 9,37% ou 247.646 habitantes estão na faixa etária entre 60 anos ou mais.

Tabela 1 – População segundo faixa etária de Salvador e da Ribeira

Faixa etária (anos)	Salvador		Ribeira	
	População	%	População	%
0 a 4	132.425	5,01	1.161	5,87
5 a 9	178.613	6,76	1.107	5,60
10 a 14	208.919	7,91	1.394	7,05
15 a 19	216.558	8,19	1.530	7,74
20 a 29	537.342	20,33	3.552	17,97
30 a 39	480.680	18,19	3.165	16,01
40 a 49	375.101	14,19	3.175	16,06
50 a 59	265.529	10,05	2.172	10,99
60 ou +	247.646	9,37	2.514	12,72
Total	2.642.813	100	19.770	100

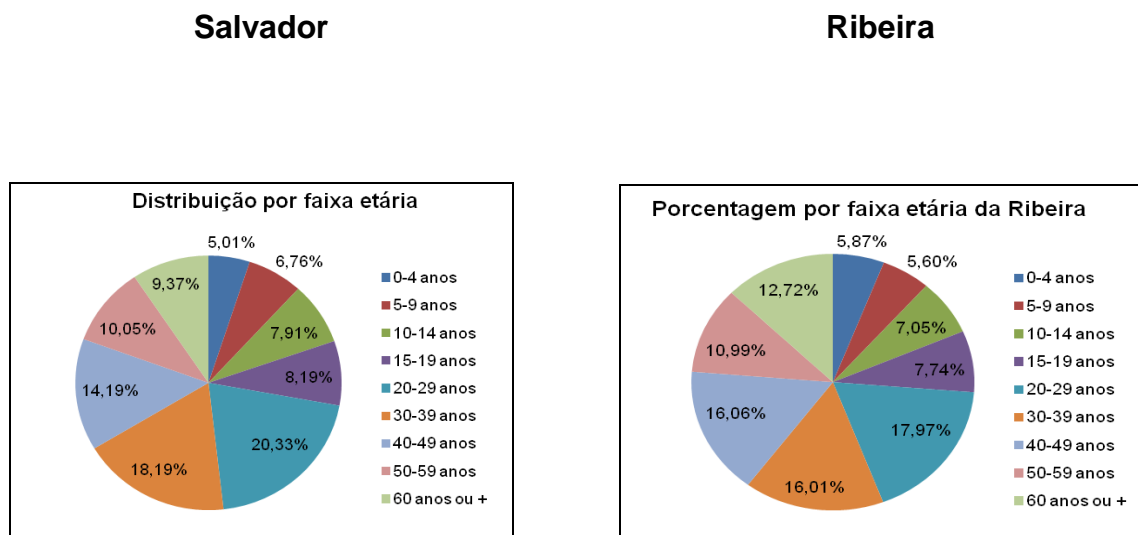
Fonte: Organizado por VIEIRA, Michele Santos, 2014 com base no: SIM Salvador/ IBGE, 2010.

De acordo com o banco de dados do SIM de Salvador, através das informações censitárias do IBGE (2010), na localidade da Ribeira residem aproximadamente 19.770 pessoas distribuídas em 5.956 domicílios.

A distribuição etária da população na localidade da Ribeira acompanha as tendências da cidade. Com algumas particularidades, pois se observa que embora a faixa etária de 20 a 29 anos tenha mais população (17,97%), as faixas etárias de 30 a 40 anos estão bem próximas (16,01% e 16,06%). Ressalta-se que para o caso da Ribeira as primeiras faixas etárias têm um volume menor de população comparado com os dados gerais da cidade, enquanto a concentração de população de mais de 60 anos na Ribeira (12,72%) é proporcionalmente maior que a de Salvador (9,37%).

Para os interesses desse estudo merece ser ressaltado o fato de que, ao comparar as faixas etárias da cidade de Salvador e a Ribeira, evidencia-se que, nesta última, encontra-se morando mais jovens e menos volume de população com mais de 60 anos.

Gráfico 1 – Comparação da distribuição por faixa etária no município do Salvador e a localidade da Ribeira



Fonte: Elaborado por VIEIRA, Michele Santos em 2014 com base nos dados do IBGE (2010) disponível no SIM de Salvador.

Conforme o Gráfico 1 acima, ao analisar comparativamente a Ribeira com o município do Salvador, comprova-se que a localidade apresenta um número significativo de pessoas jovens (nas faixas etárias entre 20 a 29 anos). Estatisticamente, comprova-se, que ao contrário do que se imagina a localidade da

Ribeira não possui um número maior de idosos quanto de jovens. Segundo o Censo (2010) em Salvador são as localidades da Barra, de Ondina, da Vitória e da Pituba que apresentam um número significativo desse grupo.

Dos domicílios da Ribeira contabilizados quanto ao tipo, cerca de 5.130 são casas (86,13%), 624 são apartamentos (10,48%) e 202 são vilas ou condomínios (3,39%). As estimativas do censo apontaram que em 755 domicílios mora 1 pessoa, 1.386 domicílios moram 2 pessoas, e de 3 a mais pessoas que moram totalizam-se 3.841 domicílios. Quanto a situação desses domicílios, 120 (ou 2,01%) são próprios em aquisição, 4.306 (76,98%) são próprios já quitados, 1.366 (22,84%) são alugados, 8 (0,13%) foram cedidos por empregador, 143 (2,39%) foram cedidos de outra forma e 39 (0,65%) são de outra condição de ocupação (SIM..., IBGE, 2010).

Segundo Censo IBGE (2010), a taxa de analfabetismo, do total da população residente, a Ribeira está na faixa entre 1,79% a 3,41% de analfabetos, o que demonstra um número significativo de pessoas que não sabem ler e escrever.

Em todo município estima-se haver cerca de 860.410 domicílios e desse total 98,99% tem água disponibilizada pela rede de abastecimento. Dos domicílios contabilizados, a Ribeira possui 99,62% (aproximadamente, 5.933) com água ligada a rede de abastecimento. Já os domicílios ligados à rede de esgoto adequada, segundo a estatística, a localidade está na faixa entre 97,63% a 100% (IBGE, 2010).

Nessas circunstâncias alguns dos imóveis da Ribeira tornaram-se importantes na sua origem, assim como, por agregarem os valores herdados pela burguesia baiana de meados do século XVII e XIX (GÓIS, 2011) que passaram a cada vez mais residir nas proximidades do porto. Porém há também, as construções de categoria mais precárias e insalubres (Figura 12), como é o caso do trecho que fica à margem da Enseada dos Tainheiros conhecido como Areal da Ribeira.

Figura 12 – Palafitas do Areal da Ribeira

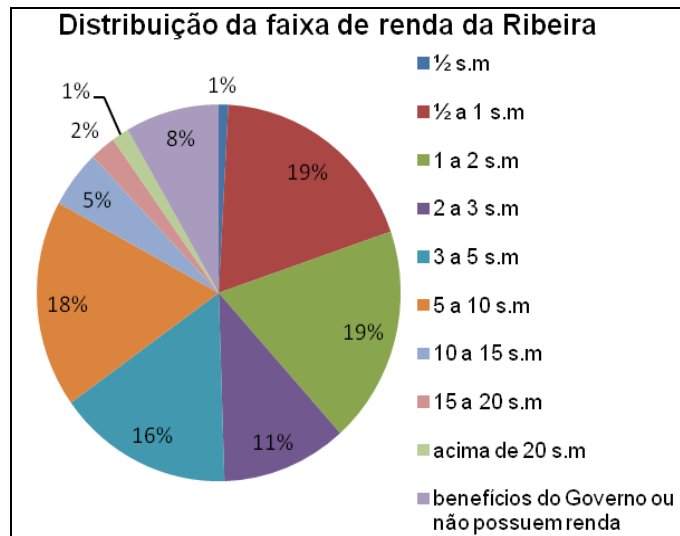


Fonte: SILVA, Marco Manso Cerqueira. UFBA, set. 2010.

Na presença dessas construções insalubres da Ribeira estão agregadas as famílias de baixíssima renda. Por estarem a ‘margem da sociedade’, os aspectos sociais em torno delas expressam-se através da fragilidade dos laços sociais e da solidariedade, assim como no consumo de drogas fortemente presente nas imediações do Areal da Ribeira (SILVA, 2010).

Traçando o perfil socioeconômico dos moradores por domicílio, por faixa de renda mensal dos responsáveis (Gráfico 2), tem-se que 0,86% estão na faixa de $\frac{1}{2}$ salário mínimo (uma pequeníssima parcela), 19,18% na faixa de $\frac{1}{2}$ a 1 salário mínimo, 18,88% na faixa de 1 a 2 salários mínimos, que representa uma parcela significativa, 11,33% na faixa de 2 a 3 salários mínimos, 15,85% na faixa de 3 a 5 salários mínimos, 18,04% na faixa entre 5 a 10 salários mínimos, 5,02% na faixa de 10 a 15 salários mínimos, 2,32% na faixa de 15 a 20 salários mínimos, 1,55% acima de 20 salários mínimos, e 8,49% restantes, recebem ou benefícios do Governo ou não possuem nenhuma renda. No que se refere à escolaridade, constata-se que 7.362 (36,01%) dos responsáveis por domicílio têm de 11 a 14 anos de estudo (SIM, IBGE, 2010).

Gráfico 2 – Distribuição percentual da faixa de renda dos responsáveis domiciliar



Fonte: Elaborado por VIEIRA, Michele Santos em 2014 com base nos dados do IBGE (2010) disponível no SIM de Salvador.

Em função da quantidade de moradores e da extensão territorial que gera uma densidade demográfica de 22.988 hab/km², apresentam-se na localidade, uma quantidade considerável de estabelecimentos comerciais e de serviços (IBGE, 2010).

Conforme fora observado em campo há uma concentração significativa das atividades dos trabalhadores de rua, como a venda de peixes²⁵, os carrinhos de guloseimas e petiscos, além das famílias que fizeram uso residencial e comercial dos seus imóveis. Sobretudo nos logradouros localizados a beira mar.

Quanto à infraestrutura urbana básica²⁶ disponível, constatou-se que a localidade possui abastecimento de água potável; coleta de lixo; esgotamento sanitário, apesar do trecho da Avenida Beira Mar, até as proximidades com o prédio da antiga Fábrica Monsanto, se presenciou focos de acumulação de água de esgoto,

²⁵ Durante as idas à localidade, a venda dos peixes, assim como o tratamento (tirar as escamas e lavagem) destes pescados é feito próximo às praias. Além da venda de frutas e verduras, seja por ambulantes próximos a Cesta do Povo, ou por vendedores que passam com carrinho de mão pelos logradouros do local.

²⁶ Conforme as Leis nº 6.766/1979 no Art. 2º, § 5º; nº 10.257/2001, vigentes na Lei nº 7.400/2008, que dispõe do PDDU do Município do Salvador, na Seção III, Art. 14º.

já que com o projeto de requalificação da Península de Itapagipe²⁷ da gestão municipal dessa época (Antônio Carlos Peixoto de Magalhães Neto, 2013 – ?), houve muitas escavações na via (Figura 13).

Figura 13 – Avenida Beira Mar (trecho em obras)



Fonte: VIEIRA, Michele Santos. Outubro de 2014.

Há também energia elétrica e iluminação das vias públicas; drenagem de águas pluviais; pavimentação; rede de telefonia pública e convencional. O lugar atualmente apresenta calçadas mais amplas para pedestres (Figura 14), com aplicação de piso tátil.

Figura 14 – Calçada da Praia do Bogary



Fonte: VIEIRA, Michele Santos. Outubro de 2014.

²⁷ De acordo com o site da AGEKOM da Prefeitura Municipal de Salvador, o DOM do dia 25/07/2013, publicara sobre a aprovação do Conselho Gestor de Concessões (CGC) da Manifestação de Interesse da Iniciativa Privada (MIP) – instrumento de amparo legal jurídico que pela Lei de Concessões possibilita à iniciativa privada apresentar projetos para as cidades – para realização de estudos de viabilidade dos projetos de requalificação urbanística no Centro Antigo, na Península de Itapagipe e na Orla de Salvador. A proposta deste instrumento fora concedida pela Odebrecht Properties Parcerias e Construtora Norberto Odebrecht.

Dos locais de lazer foram contabilizados – em apreciação técnica – seis praças (Largo da Madragoa, Largo do Papagaio, Largo da Penha, a Praça dos Tainheiros, a Praça Conselheiro Nabuco, a Praça Francisco Dorea, que fica ao lado da Igreja da Penha) e cerca de três campos de futebol, sendo um deles localizado dentro da Cabana do Bogary, mas que disponibiliza o acesso dos moradores, e outro, muito reconhecido na localidade, que é o Campo do Lasca; assim como, as praias da Penha e do Bogary.

Conforme citado anteriormente, a atividade comercial ganhou grande destaque ao longo dos anos no lugar, e como garantia da reprodução de trabalho e melhor qualidade de vida aos moradores locais e dos frequentadores, mas destacam-se também na Ribeira os serviços na área de educação e serviço social, segurança, saúde, comunicação.

Entre os diversos estabelecimentos educacionais e de serviço social no local estão, a Biblioteca Municipal Reitor Edgard Santos, a Biblioteca Internacional Leonardo da Vinci (prédio anexo ao ICBIE²⁸), a Escola Presciliano Silva, o Centro Comunitário de Assistência Social da Legião da Boa Vontade (LBV), o Colégio Estadual Presidente Costa e Silva (que oferece curso de educação profissional na modalidade Proeja/Médio Técnico em Enfermagem), a Escola da Península, o Colégio da Polícia Militar da Bahia (C.P.M-Ribeira), a Escola Nossa Senhora da Penha, Colégio Estadual Vitor Soares²⁹.

Dos estabelecimentos de saúde e segurança, há a Residência Terapêutica (USF), localizada na Rua Léllis Piedade, onde os moradores são atendidos sob consulta ou emergência, o Centro Pestalozzi de Reabilitação e o 12º Grupamento de Bombeiros Militares (SALVAR)³⁰ – Corpo de Bombeiro que atuam em operações de salvamento e de natureza tática.

²⁸ O Instituto oferece cursos de idiomas, dança e também como espaço para exposições diversas. Além disso, serve de estadia temporária para os professores estrangeiros que dão as aulas nos seus respectivos idiomas. O casarão está sob os cuidados do italiano Senhor Pietro.

²⁹ Ou Oficina Pedagógica Vítor Soares.

³⁰ Estrutura operacional do Comando Regional de Operações de Bombeiros Militares da Região Metropolitana de Salvador

Das atividades religiosas, na Igreja Nossa Senhora da Penha são mantidos os cultos de catequese para os adolescentes, assim como um grupo de oração das idosas, que ocorre aos domingos, chamado EMÁUS – Grupo do Santíssimo Sacramento. Nas terças-feiras, por volta das 07:30h, ocorre na Igreja Nossa Senhora do Rosário da Penha, a missa de Santo Antônio. Mas assim como há a predominância do catolicismo, há também as igrejas evangélicas, os centros espírita e os centros/terreiros de candomblé³¹. Identificando na localidade a forte predominância da religiosidade, marcante também na vida dos idosos entrevistados.

A Ribeira dispõe em quantidade considerável também de: bares, mercadinhos, açougues, padarias, lanchonetes, restaurantes, casas de fabricação e venda de gelo, salões de beleza, espaços para eventos/cerimonias, academias de ginástica, oficinas de automóveis, principalmente, as oficinas de reparação de barcos, saveiros, videolocadoras, *lan house*, copiadora e salão pet shop.

Quanto a infraestrutura de mobilidade no local em alguns pontos específicos, como as vias que compõe a orla marítima (Avenida Porto dos Tainheiros até parte da Avenida Beira Mar) na concepção dos entrevistados é excelente, já que a calçada está mais larga (entre a Cabana do Bogary até o fundo do Colégio Costa e Silva) e sem a presença de carros estacionados nos passeios, como era antes. Quando questionados a respeito da mobilidade e a acessibilidade na localidade, todos os idosos entrevistados responderam que mesmo tendo algumas calçadas para reforma, o andar pelo lugar era bom e fácil. Segundo eles, a Ribeira dispõe de linhas de ônibus para ‘todos os cantos’ de Salvador. A facilidade em caminhar no lugar é permitida devido a sua topografia plana, e a oferta de serviços de transporte urbano de cargas, quanto a característica e natureza deste, coletivo e público, constam de 34 linhas de ônibus disponíveis.

Além do terminal de ônibus na Rua da Penha, há também o Terminal Marítimo da Ribeira (Figura 15), que faz ligação como subúrbio ferroviário, Plataforma. As tarifas custam R\$1,00 (inteira) e R\$0,50 (meia), funcionando diariamente das 07h às 19h. Após ter sido reformado e inaugurado em 2008, o

³¹ Segundo Santos (2008), em mapeamento efetuado pelo CEAO da UFBA há cerca de 12 centros/terreiros na área da Ribeira.

terminal passou a ser uma alternativa na integração modal com o rodoviário para muitos estudantes que moram em Plataforma ou na Ribeira, assim como para alguns trabalhadores dessas localidades.

Figura 15 – Terminal Marítimo da Ribeira (ao fundo) a partir do Terminal de Ônibus



Fonte: VIEIRA, Michele Santos. Outubro de 2014.

Outro fator predominante na Ribeira é o uso de bicicletas, em campo observou-se, além do uso das 'laranjinhas'³², alguns moradores tem a própria bicicleta, como ocorreu com um dos entrevistados.

³² Bicicletas ofertadas pelo Projeto do Banco Itaú em parceria com a Prefeitura Municipal do Salvador, através do Movimento Salvador Vai de Bike.

5 ESPAÇO, MEMÓRIA E OS IDOSOS DA RIBEIRA

São as [...] estruturas e ações que tornam a sociedade possível e que fazem modelagem do seu caráter ora na direção da permanência, ora na direção da mudança.
Teresa Maria Frota Haguette, 1992, p. 211.

Nessa seção são apresentados os dados e a análise das entrevistas realizadas com os moradores idosos da Ribeira. A primeira parte descreve o perfil dos entrevistados conforme sexo, idade, renda média (salário mínimo) e tempo de residência local. Na segunda parte, são analisados, através de quadros síntese, os depoimentos tendo como referência a memória, o lugar e os conceitos de *topofilia* e *topofobia*, buscando o mapeamento dos locais identificados pelos entrevistados. Na terceira parte são analisados os resultados com base nos objetivos propostos.

5.1 PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Os dez entrevistados, que no texto aparecem com nomes fictícios, situam-se na faixa etária de 60 a 83 anos. Esses idosos são de classe média, aposentados, com renda mensal variando entre 1 a 4 salários mínimos (s.m). Nove idosos têm moradia própria e uma idosa mora numa casa alugada. Quanto à localização das moradias desses sujeitos, observou-se que apresenta um grau de dispersão para toda a localidade de estudo, o que indica que há certa representatividade ou cobertura segundo local de residência.

O grupo é composto por 5 homens e 5 mulheres. Algumas dessas pessoas (como Maria, Nice, Diva e Francisca) foram apresentadas a autora por terceiros, os demais foram escolhidos aleatoriamente nas idas a campo. Alguns desses idosos se conheciam e se consideram amigos (como Brandão e Francisca) e moram no mesmo logradouro (como se pode observar no Quadro 2).

As entrevistas (Apêndice C) foram organizadas com base em perguntas abertas semiestruturadas que visassem reconhecer os usos do espaço e as formas de apropriação e seu significado segundo a memória dos idosos residentes, relacionando os lugares de afeto e de medo na visão desse grupo no período 'passado' e no período 'atual' a partir dos conceitos apresentados nas seções anteriores.

Para efeitos de análise e apenas como referência básica, considera-se como parte do período passado, por verificar que o idoso com mais tempo no local é de 80 anos, os relatos dos entrevistados referidos a partir da década de 1930. E como período atual, prioritariamente o ano de 2014, com certa variação de 4 ou 5 anos antes.

5.2 OS ENTREVISTADOS

1. **Benfica** (outubro de 2014) 67 anos, residente na Rua Porto dos Tainheiros/ Alameda Porto dos Saveiros, Condomínio Porto dos Saveiros, do projeto habitacional URBIS/ CONDER, natural do Rio de Janeiro (RJ) – onde morou há 47 anos –, parda, viúva, com nível superior completo, aposentada. Foi professora de inglês num colégio de ensino médio em outra localidade. Há 20 anos é moradora da Ribeira, num apartamento quitado. Casou-se, teve dois filhos e é avó de duas netas.

Em 1994 quando veio para Salvador, sua procura por opção de moradia fora a Ribeira. Já conhecia antes, mas como turista, gostava do fluxo da multidão que passava, principalmente nos festejos da procissão do Senhor do Bonfim. Segundo ela, “quando acabava a missa na Igreja do Bonfim, e o povo descia para a Ribeira era muita festa”.

Quando realmente optou por morar na localidade, passou a se sentir frustrada. Houve um estranhamento quanto ao local, achava as pessoas frias. Mas, segundo ela, “isso foi de momento mesmo”. Nessa época frequentava muito a Sorveteria da Ribeira e a Pastelaria com seus filhos; todo sábado ia assistir aos treinamentos dos clubes de remo da Ribeira. Para ela as praias eram sua segunda casa, “como sou do Rio, adorava ir as praias de lá, e aqui (Ribeira)³³ não foi diferente. Levava meus filhos comigo”.

Benfica como ela mesma diz, vive bem, morando com seus filhos e suas netas num apartamento de 5 cômodos (2 quartos, sala, cozinha e 1 banheiro) e com uma faixa de renda de 3 S.M . Para ela, “apesar da fama de violenta” a Ribeira é uma das localidades de Salvador com maior “tranquilidade para viver”. E afirma ter

³³ Grifo da autora.

uma ótima relação com os vizinhos e amigos que por ali constituiu, conforme comentou,

Vivo bem com meus amigos e vizinhos. Pelo menos aqui no condomínio eu posso deixar minha janela aberta e a porta também. É vizinho entrando e saindo por aqui. Comprimento a todos, porque são pessoas que eu conheço há anos e que me respeitam. Tem a Inês, que mora no 3º andar. Ela também é aposentada. Gosta muito de dar aula no colégio aqui pertinho, o Prisciliano Silva. Sempre que posso vou com ela à Igreja da Penha. Às vezes, quando não dá, vou para a Igreja do Rosário, que fica mais próxima daqui (BENFICA, entrevista, out. 2014).

Por ser fiel ao catolicismo, segundo ela, Deus é a sua base. “Ele é quem cuida da família, quem nos protege”. Enquanto membro da Igreja Nossa Senhora da Penha, Benfica faz parte do Grupo do Santíssimo Sacramento (EMÁUS), que se reúnem todos os sábados para oração. Para a mesma, as igrejas da Penha e do Rosário são os únicos locais que mais frequenta agora na condição de idosa, “lá posso encontrar as pessoas da mesma idade que eu, porque é muito difícil ter um espaço bacana para o idoso ficar. A Ribeira virou ‘bairro’ de jovens”, disse.

Quando questionada sobre qual local da Ribeira a deixava com medo ou repulsa, Benfica afirmou: “posso amar demais a Ribeira, porque tenho tudo aqui, mas temo sair sozinha, principalmente a noite por aqui. Antigamente não era assim”. Para a entrevistada a companhia e proteção do filho mais velho já contribuem bastante nas idas a pé para a igreja, porém na sua condição de idosa é melhor ficar em casa às vezes. Atualmente foram poucas vezes que ela foi de ônibus ou pegou o barco no Terminal Marítimo para ver os parentes que moram em Plataforma.

2. **Borges** (outubro de 2014) 68 anos, residente na Rua 11 de maio, natural de São Francisco do Conde, pardo, separado, com nível fundamental completo, aposentado. O entrevistado fora convidado pela autora enquanto pedalava na ciclovia perto da Cabana do Bogary. Sua atividade anterior era caminhoneiro e é morador da Ribeira há 53 anos, com casa própria e uma renda mensal de 3 S.M . Segundo ele a Ribeira é um “dos melhores bairros de Salvador”. Fez muitas amizades quando chegou aos 15 anos de idade. Considera-se um bom amigo para seus vizinhos, mas afirma “tem uns aqui que não prestam, procuro ser melhor mesmo assim”.

Na adolescência Borges disse que a Ribeira era melhor, “não tinha tanta malandragem. As casas ficavam com as portas abertas até tarde”. Nessa época ele costumava sair muito com os amigos para dar umas “cabriolas” na Ponte do Crush; pulava dos cascos de embarcações abandonadas na Praia do Bogary; já utilizou muito o bonde para ir a Calçada. Disse também que sua avó era marisqueira, e sustentava tanto ele quanto os seus tios com a renda da venda de mariscos. Ajudava ela a catar esses mariscos quando a maré baixava, na frente da Igreja da Penha. A Sorveteria da Ribeira era seu ponto favorito também “ia sempre, só para ver as mocinhas, fui muito namorador. Foi lá também que conheci minha primeira esposa”.

Atualmente na condição de idoso ainda frequenta, a sorveteria e afirma ter uma forte ligação com o local. Gosta de ir aos sábados dançar no Largo da Madragoa, “esse é o único lugar que os ‘velhos³⁴’ ainda podem frequentar”, disse. Entretanto não gosta muito da casa de Shows The Best Beach, “é muito barulho, os carros, as orgias, os jovens consomem drogas abertamente. Não há mais respeito. Melhorou um pouco mais com essas ações da prefeitura, porém não suporto esse local, deveriam tirar isso daqui”.

Com relação aos usos do espaço enquanto idoso, Borges prefere ir andando todas as terças-feiras até a Igreja Nossa Senhora do Rosário, para assistir a missa do Santo Antônio, “sou devoto dele”. Nas horas vagas pega sua bicicleta e vai pedalar na orla, e algumas vezes pega o ônibus para visitar algum parente distante.

3. **Nice** (outubro de 2014) 81 anos, residente na Avenida Beira Mar, natural de Salvador, parda, viúva, com nível médio completo, aposentada. Sua faixa de renda é de 3,5 S.M . Moradora há 56 anos da Ribeira numa casa própria de 6 cômodos, sua atividade anterior era de funcionária pública. Junto com ela na mesma casa estão os netos e os 3 filhos, mas quase toda sua família vive na localidade e alguns no mesmo logradouro, como seus dois sobrinhos.

³⁴ Grifo da autora.

Para Nice a Ribeira significa felicidade, e é um local de poucos assaltos, porém muito mais diferente da época em que ela passou a residir com o falecido esposo e filhos.

Na fase adulta ela dizia frequentar os bailes de carnaval e infantil que aconteciam no Clube de Regatas de Itapagipe, que fica bem perto da sua residência. Passou muitas noites sentada na porta da casa vendo seus filhos brincarem na praça que há ao lado da Igreja da Penha, “ficava as vezes até 1 hora da manhã vendo meus meninos brincando na pracinha”. Era frequentadora assídua da Sorveteria da Ribeira, “só ia para comprar o sorvete de milho verde, maravilhoso”!

Nice, atualmente é catequista da carestia, e afirmou durante a entrevista que antes era muito prestativa, gostava muito de festas, mas conforme sua idade foi avançando, e agora na condição de idosa, ela prefere frequentar mais a Igreja da Penha. Assim como, a mesma afirmou fazer parte do Grupo do Santíssimo Sacramento – EMÁUS, e é também responsável por um grupo de oração em prol da família.

Em resposta ao local que a deixava com medo ou desprezo, Nice, com sua característica bem católica, e tomando cuidado com as palavras disse, “a praia da Penha, porque apesar de haver policiais por perto, às vezes vejo os jovens bebendo demais, danças indecentes e usando drogas”. Na concepção dela essas atitudes são desrespeitosas para quem mora há anos no lugar, e que deprime toda beleza da paisagem existente.

Quanto aos usos do espaço, Nice não sai muito, apenas faz o seu caminho de sempre, de casa para igreja e da igreja para casa. Quando seus filhos a convidam para um passeio fora da Ribeira levam-na de carro, porém são ocasiões atípicas já que todos os seus entes moram por perto.

4. **Souza** (outubro de 2014) 62 anos, residente na 1ª Avenida Domingos Rabelo, natural de Salvador, pardo, casado, nível médio completo, aposentado, com renda mensal de 3,5 S.M . Desde 1974 (há 40 anos) ele mora na localidade da Ribeira, num apartamento quitado. A Ribeira para Souza é o “bairro que gosta

muito”, onde sua relação com vizinhos ou amigos locais é normal, sem algum problema.

Quando passou a residir na localidade, já adulto, o entrevistado afirmou que frequentava muito a Sorveteria da Ribeira. Nesse período também aproveitava para tomar umas cervejas com seus amigos nos bares da área. Como gosta muito de música, Souza disse que em muitos finais de semana ou em datas festivas, a Ribeira já ofereceu muita diversão aos moradores, inclusive havia algumas bandas locais que sempre tocavam no Largo da Madragoa, e ali, ele se sentia bem com o clima que transparecia.

Adepto também da leitura, na sua condição atual (idoso), ele geralmente prefere ler jornais sentado no entorno das árvores da Praia do Bogary, localizadas defronte para o mar da Baía, e ver o movimento das pessoas por essa parte da Ribeira. Fora dessa forma que a autora o encontrou, em processo de seleção aleatória de entrevistas para a pesquisa.

Apesar de amar muito a Ribeira, como mesmo disse, o entrevistado afirmou que evita atualmente sair a noite na localidade, por achar perigoso. Seu local de medo é o Areal da Ribeira, já que segundo ele, “tem gente que vende e consome drogas por ali”.

Como é acostumado a fazer o mesmo percurso da sua casa para a Praia do Bogary, Souza afirma que por ter tudo perto de sua casa, vai sempre a pé ao supermercado (no Largo do Papagaio) para comprar algo. Já quando quer ir para lugares mais distantes, dirige seu veículo particular, porém pega ônibus algumas vezes.

5. **Brandão** (outubro de 2014) 76 anos, residente no Largo da Ribeira (Praça General Justo), natural de Salvador, negro, casado, nível médio completo, aposentado. Sua faixa de renda de 4 S.M . O entrevistado fora escolhido aleatoriamente, no terminal de ônibus. Morador há 76 anos da Ribeira, Brandão passou sua vida toda no lugar. Sua casa própria de dois pavimentos é herança de seus falecidos pais. Da sua infância a adolescência jogou muito futebol no Campo do Lasca com seus amigos (alguns também residentes na localidade). Quando havia

torneio de remo dos clubes da Ribeira, ele passava para assistir, no Cais da Enseada dos Tainheiros.

“A muito tempo atrás, quando eu tinha uns 18 para 19 anos tinha uns bailes de carnaval e para as outras idades no Clube de Regatas de Itapagipe. Frequentei muito esse local, e foi lá que conheci minha mulher, com quem vivo até hoje”, disse.

Mas na sua condição de idoso, ele geralmente passa as tardes jogando dominó ou baralho com uns vizinhos na praça perto da sua casa, porém lembrou, durante a entrevista, que “antigamente tínhamos o Banco dos Vadios, onde está a Cabana do Bogary. Aí depois mudaram de lugar, mas era esse o único espaço que o idoso tinha de verdade, só que a malandragem entrou e a prefeitura tirou”.

Brandão evita atualmente ir para praia, diz que não há mais vontade de ir, já que as pessoas de fora sujam o local, mesmo havendo lixeiras próximas. No entanto a falta de educação desses indivíduos é “tamanha”, e outro fator também para o seu medo do local são os consumos de drogas e bebidas dos mais jovens, “não que eu seja contra ou a favor que eles bebam, mas é um abuso ficarem se drogando assim, na frente de criança, dos mais velhos. Esses ‘sacizeiros’³⁵ ainda ficam perturbando as mulheres que vão tomar sol. Isso é ridículo”, durante a entrevista falou indignado.

Em relação aos usos do espaço local na condição de idoso, Brandão prefere andar por perto do terminal de ônibus, nos bares próximo para bater um papo com os colegas, mas que aproveita seu domingo pega o ônibus e vai ao Garcia ver seus amigos do passado que já moraram perto dele, para assistir os campeonatos de futebol ou de basquete.

6. **Lima** (outubro de 2014) 77 anos, residente no Largo da Ribeira (Praça General Osório), num apartamento de 4 cômodos, natural de Salvador, negro, viúvo, nível médio completo, com faixa de renda de 3 S.M, aposentado. A entrevista com esse idoso fora de modo aleatório, durou poucos minutos já que o mesmo era de poucas palavras. Morador há 40 anos da Ribeira, Lima como mesmo disse na fase

³⁵ Grifo da autora.

adulta gostava muito de correr na areia das praias e levar seus filhos para tomar sorvete na Sorveteria da Ribeira.

Por residir ao lado dessa sorveteria, até a data desta entrevista, o mesmo disse frequentar o local, e passa algumas horas sentado no banco da Praça General Osório, para ver o movimento das pessoas que por ali passam e sair um pouco de casa.

Para ele, a Ribeira não oferece nenhum local de medo. No entanto o entrevistado quando questionado das formas de deslocamento da Ribeira na condição de idoso, apenas disse gostar da sua “área de conforto”, ou seja, a sorveteria e a praça, sempre circulando próximo da sua residência. Quando quer ir ver os filhos, que residem em outras localidades pega seu carro e vai visitá-los.

7. **Diva** (outubro de 2014) 81 anos, residente na Avenida Portos dos Mastros, natural de Salvador, parda, viúva, nível superior completo, aposentada, com faixa de renda de 4 S.M . Diva disse morar há 80 anos na localidade, numa casa herdada pelos pais com 8 cômodos. A entrevistada fora apresentada a autora por conhecidos que a indicaram para esse trabalho. Para ela há um amor incondicional pelo lugar, e isso fora notável pela apropriação que a mesma tinha sobre os aspectos históricos da Ribeira já que fora bibliotecária.

Na infância brincou muito de peteca e peão na rua com os irmãos, mas adorava passar os finais de tarde lendo suas revistas infantis ou seus livros no quintal de casa. Algumas vezes seu pai a levava com seus irmãos para o Largo da Madragoa, “lá havia um coreto coberto com ferro ornamental, cheio de detalhes, muito bonito”, nesse mesmo coreto tocaram muitas bandas locais, por exemplo a Banda Carlos Gomes e o Chorinho da Madragoa. Quando adolescente continuou frequentando a Madragoa, mas para ir ao Cine Itapagipe, aonde havia muitas festas e era “a febre dos jovens de sua época”, segundo Diva o cinema era local de encontro para muitos casais. Gostava também de ver os campeonatos de remo.

Na fase adulta era bastante envolvida com ações educativas, após (na mesma época) ter sofrido com a sua reprovação no vestibular para Pedagogia na UFBA. Ela então conseguiu na antiga escola Santa Bernadete (hoje é o Colégio

Costa e Silva), uma vaga para formação em bibliotecária. “Graças ao incentivo de minha mãe”. Nesse período, através do apoio da irmã Querubina, freira que foi responsável pelo instituto, Diva participou de muitos projetos. Todos voltados para as crianças do Areal da Ribeira, e desses projetos conseguiu fundar em 13/08/1961 a Escola Municipal de Simões Filho, sendo a 1ª diretora da escola.

Quando questionada dos locais da Ribeira que ela costuma frequentar na sua condição de idosa, Diva disse que já ia na Associação dos Servidores do Sistema Fieb (ASSAF), que fica no Largo do Papagaio, mas apenas as pessoas vinculadas tem acesso. Na concepção dela não há espaço de lazer que agregue o idoso com outras idades, apenas as igrejas é o refúgio da maioria.

A mesma não soube responder qual local a deixava com medo, disse que com o tempo a Ribeira passou a apresentar insegurança, ou seja, a entrevistada generalizou que a maioria dos locais da Ribeira a deixava com medo.

No que tange as formas de deslocamento, Diva afirmou que transitava pouco, justificando que também é devido a sua idade. Atualmente para ela ir de ônibus ou a pé a algum lugar, já não é mais igual já que sua mobilidade é bastante reduzida, inclusive ela pontuou “o bairro da Ribeira carece de atrativos para as mulheres idosas”, essa então, foi uma justificativa da entrevistada.

8. **Capitão** (novembro de 2014) 83 anos, residente na 1ª Travessa Domingos Rabelo, natural de Salvador, negro, viúvo, nível fundamental completo, aposentado. Com renda mensal de 3 S.M, Capitão era comerciante, mas aposentou-se como 2º condutor da Marinha Mercante. Escolhido de maneira aleatória para entrevista, enquanto descansava num banco da Praça General Justus. Há 60 anos mora na área da Ribeira, atualmente com os 5 filhos e 5 netos na mesma casa.

Para Capitão a Ribeira significa tudo em sua vida. Foi onde criou seus filhos, sendo o primeiro nascido em casa. É um lugar que ele tem um bom convívio com os vizinhos, “deixo minha casa aberta para eles visitarem”. Além disso, segundo o mesmo, “antigamente era um lugar muito melhor, mais calmo e que as pessoas se entendiam, se respeitavam mais”.

Aos 23 anos ele mudou-se para a Ribeira, e todas as manhãs acordava bem cedo para caminhar da Enseada dos Tainheiros até a Igreja do Bonfim. E como era festeiro participou bastante da Segunda-feira Gorda, mas até os 25, 26 anos, “depois fui perdendo o gosto”. Outro local que fazia e faz questão de ir é a Sorveteria da Ribeira e tem um profundo sentimento pelo Largo da Madragoa, “como gosto de música e dança, foi lá que conheci minha mulher”, relatou ao mencionar a sua esposa falecida.

Na condição de idoso ainda frequenta a sorveteria, porém continua a caminhar da Enseada dos Tainheiros até o Porto da Lenha (antigo estaleiro do Bonfim). Quando questionado por quê fazia o mesmo percurso, disse, “posso pensar na vida, na minha família, rever meus companheiros que moram por aqui. Eu também sou devoto do Senhor do Bonfim. Foi graças a essa caminhada que estou vivo até hoje”. Porém Capitão não sente-se confortável em ir para o Areal da Ribeira, “ali já foi bom porque tinha uns bares bacanas, eu jogava baralho e conhecia os donos, mas não vou mais para lá por receio”, afirmou.

Em justificativa das formas de deslocamento no lugar, o entrevistado relata que parou mais de sair a noite devido a sua idade, a violência e pelos filhos e netos. Algumas vezes que precisa visitar os parentes pega o ônibus no fim de linha da Ribeira. Passa poucas horas no bar do Mário para jogar uma partida de dominó, baralho e conversar com os colegas. Vai andando para as igrejas da Penha e do Rosário, mas reserva as terças-feiras para ir a missa da Igreja do Bonfim.

9. **Nalvinha** (novembro de 2014) 60 anos, residente na Rua Padre Cupertino Lacerda, natural de Salvador, parda, casada, nível médio completo, trabalhava como educadora infantil, atualmente aposentou-se por invalidez. Com renda de 1 S.M, ela reserva seu tempo para dar aula de reforço escolar a duas alunas do Colégio da Polícia Militar da Ribeira, como acréscimo a sua renda já que paga aluguel de uma casa com apenas 3 cômodos (sala que ela faz de quarto também, cozinha com área de serviço e banheiro).

Há um 1 ano morando na localidade da Ribeira, Nalvinha saiu de Dias D’Ávila para tratamento médico já que tem degeneração óssea, pressão alta e também é asmática. Mas como a mesma disse, desde sua infância conhece a Ribeira. Até a

fase da adolescência frequentou muito a localidade porque seus tios, tias, primos e a avó materna residiam por lá. Nessa época a tia dela trabalhava com marítimos, e sempre ouvia um grupo de rapazes que tocavam violão a beira mar. Comia peixe frito com a família na praia também. Adulta passou a morar no Rio de Janeiro, mas sempre fazia ponte aérea para visitar um namorado da Ribeira que conheceu. Frequentou muitas vezes com essa pessoa os bailes do Largo da Madragoa.

Para ela atualmente, a Ribeira já não oferece mais um lugar para o idoso, a não ser àqueles que jogam dominó, baralho, que vão as praias em horário mais calmo. Na condição em que se encontra o seu caminho é apenas ir para a igreja evangélica, já que o problema de saúde dela – que se agravou ainda mais após ter ficado depressiva com a morte do filho – não lhe dá mais forças para andar no lugar que tanto ama. Mesmo assim ainda considera a Ribeira como um “bairro de paz”.

Quanto ao local que a deixa com medo, segundo Nalvinha nas noites de segunda-feira quando seu esposo a leva para a reunião do programa Minha Casa, Minha Vida, no Largo da Madragoa, ela sempre observa que há uns rapazes olhando para o grupo, que em grande parte tem a participação de mulheres, inclusive idosas. “Já fico apreensiva quando chega a segunda-feira e eu tenho que participar dessas reuniões”, relatou.

Segundo a entrevistada apenas foi 2 vezes para a praia, porque é um processo muito demorado ter que arrumá-la já que utiliza uma faixa para proteger a coluna. Sendo assim sua única forma de deslocamento é ir andando com o esposo até a igreja e voltar para casa. Tendo como lazer assistir televisão ou acessar a internet para estudar alguns assuntos do reforço escolar. Até para pegar ônibus é um verdadeiro constrangimento, já que muitos motoristas não param.

10. **Inaiá** (novembro de 2014) 78 anos, residente no Largo da Ribeira (Praça General Osório), natural de Nazaré das Farinhas, negra, viúva, nível médio completo, aposentada. Com renda mensal de 3,5 S.M, Inaiá antes era funcionária pública, e aos 18 anos de idade mudou-se para a Ribeira com seus pais, há 60 anos mora na localidade.

Selecionada por indicação do seu amigo e vizinho do mesmo edifício, senhor Brandão, Inaiá disse que na sua adolescência a forte influência do catolicismo na família, fazia com que ela frequentasse muito a Igreja da Penha. Até a fase adulta

continuou frequentando, mas também ia muito para a Sorveteria da Ribeira e adorava caminhar a beira mar para ver o outro lado da Enseada (Plataforma).

Atualmente devido uma doença nas pernas (trombose) ela passa mais tempo na porta do edifício vendo o movimento na rua. Aproveita para distrair-se conversando com Brandão quando ele está por perto.

Para ela o Largo do Papagaio é muito perigoso porque quando vem do médico com sua filha que mora em outra localidade, só o ou vazio ou com jovens bebendo ou usando drogas, cigarro. “Acho um desperdício um lugar desses assim sem nada de atrativo, e ‘fica³⁶’ esses meninos se acabando na marginalidade”, comenta.

No que tange as formas que Inaiá se desloca na localidade, dada a sua limitação física, a mesma disse não poder apropriar-se com total autonomia dos espaços da Ribeira que tanto gosta, e seu maior sonho era um dia poder dançar no Largo da Madragoa.

Com base nessas entrevistas (Apêndice C, Quadro 2), pode-se destacar que o Capitão é o idoso entrevistado com maior faixa de idade, 83 anos, e tanto ele quanto Borges são os únicos com o grau de escolaridade de ensino fundamental. A média de idades entre as idosas (73,4 anos) é maior que a dos idosos (73,2 anos). Três entrevistados residem no Largo da Ribeira, porém quase todos moram próximos à orla marítima da localidade. Apesar de Diva ser a idosa com maior tempo de moradia local, os homens apresentaram uma média maior de residência (53,8 anos) enquanto as mulheres tiveram a menor média de moradia (43,4 anos).

Para os idosos entrevistados (conforme o Apêndice C, Quadro 3) a Sorveteria da Ribeira, as praias do Bagary e da Penha e o Largo da Madragoa (este último para alguns) são lugares que expressam a topofilia no período ‘passado’. No período ‘atual’, as Igrejas de Nossa Senhora da Penha e a do Rosário representam os lugares de uso e apropriação que geralmente frequentam, segundo eles a Ribeira não oferece espaços para o idoso se sociabilizar. Também no período ‘atual’ as praias, os largos (da Madragoa e do Papagaio) e o Areal da Ribeira provocam

³⁶ Grifo da autora.

sentimentos de desagrado, desprezo (topofobia), tanto pela violência, o consumo de drogas (especialmente pelos mais jovens), assim como, pela forma das pessoas de outras localidades se apropriarem da Ribeira.

Para entendimento da síntese dos dados apresentados conforme nas entrevistas são identificados os lugares de topofilia e de topofobia dos idosos entrevistados, destacando também, a localização das residências de cada um. No Mapa 1 são expostos os lugares de topofilia no período 'passado' com os lugares de topofobia no período 'atual'; no Mapa 2 são destacados os lugares de topofilia dos idosos no período 'atual', sendo considerado os locais de uso frequente e o local que eles ainda preferem frequentar.

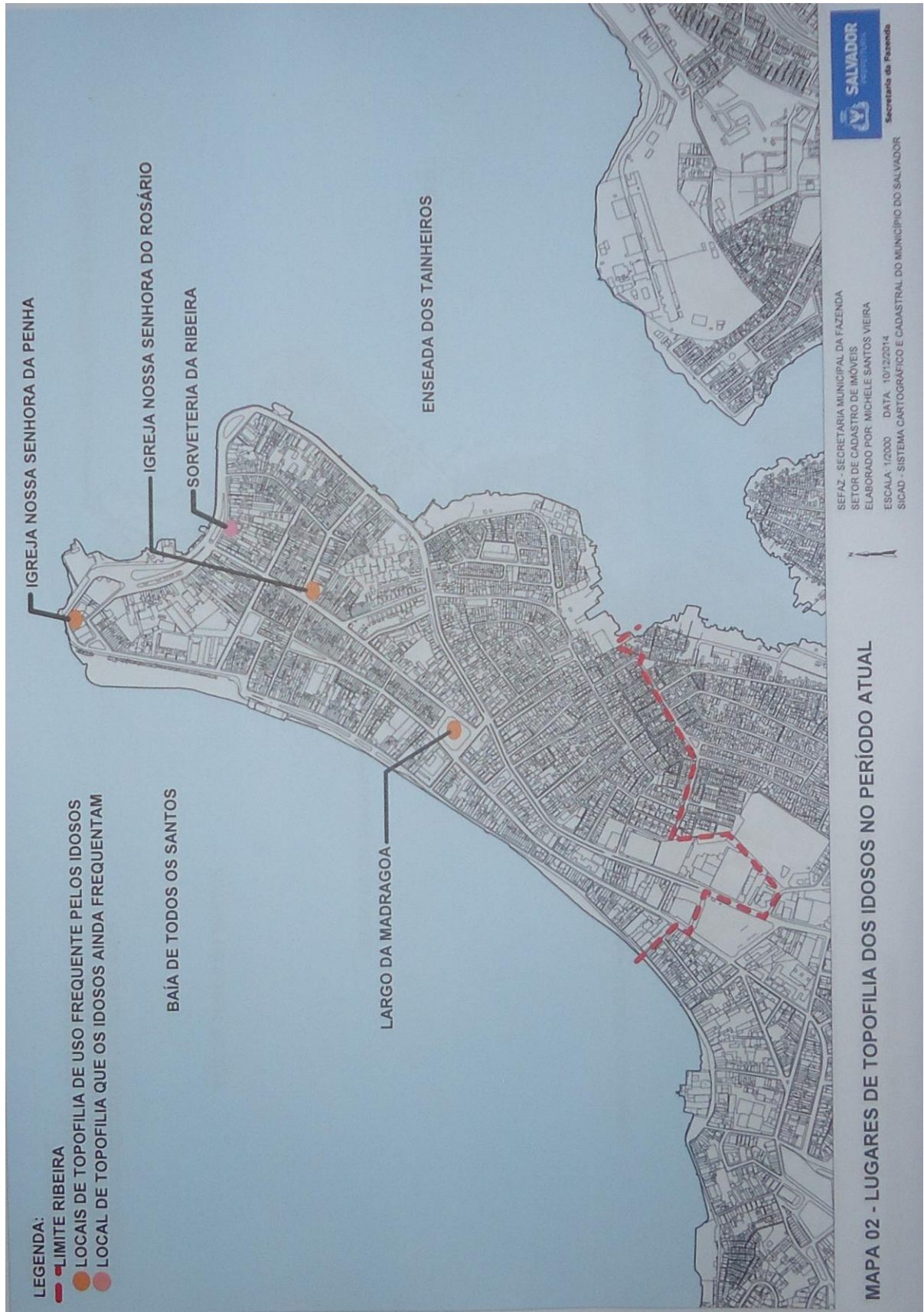
A opção por apresentar no Mapa 1 os lugares de topofilia e de topofobia foi feito por questão de análise geral dos conceitos, considerando suas definições, mas trazendo uma visão geral de dois questionamentos apresentados na pesquisa, como antes e depois.

Mapa 1 – Lugares de tofophilia (passado) e tofobia (atual) dos idosos entrevistados



Fonte: Elaborado por VIEIRA, Michele Santos. Dezembro de 2014.

Mapa 2 – Lugares de tofília dos idosos no período atual



Fonte: Elaborado por VIEIRA, Michele Santos. Dezembro de 2014.

5.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Com base nos depoimentos dos dez entrevistados podem se fazer algumas análises para compreender os significados que tem a Ribeira na memória dos idosos. De forma geral, observa-se que o curso da vida na localidade para alguns fora de grandes conquistas, mas também de tristezas.

Para alguns deles a perda da pessoa próxima (seja o cônjuge ou o filho), assim como o avanço da própria idade, dão possibilidades para que os mesmos passem mais tempo com os filhos, netos e demais entes queridos. Observando os depoimentos transparece que para os idosos há uma necessidade maior na relação com outros grupos sociais.

Com relação ao tempo de moradia no local, fora uma das entrevistadas, 9 deles residem entre 20 a 80 anos, o que permitiu apontar que esses indivíduos residem na localidade a partir da década de 1930. Evidencia-se que dos 10 entrevistados, 7 deles identificaram a Sorveteria da Ribeira como um local de mais afeto na infância, adolescência e na fase adulta (conforme o conceito de topofilia) em suas memórias, contudo apenas 1 frequenta constantemente. Assim como as praias.

Neste caso interessa ressaltar que o local identificado com maior grau de topofilia é um espaço, que pode ser considerado de lazer, pois permite o encontro, convívio e a interação social.

No caso de duas entrevistadas (Francisca e Nalvinha) devido às limitações físicas, ocasionadas por doenças degenerativas e da própria idade, deixaram de frequentar os mesmos locais de lazer. Dos demais entrevistados poucos frequentam aqueles locais de lazer do 'passado'.

Alguns desses idosos, apesar de residirem em logradouros próximos aos locais de topofilia (por exemplo, as praias e as praças), não preservam o costume de frequentar. Durante a observação participante/direta, também foi verificado que os usos e a apropriação do espaço entre os homens são diferentes para as mulheres. Revelando-se então, uma tendência significativa das idosas em voltarem-se mais

para o lar e para a família, já que na visão delas os homens ainda tem como circular no lugar, embora elas também registrem demandas de espaços específicos.

Nos depoimentos os idosos entrevistados sempre tratam, as igrejas da Penha e do Rosário e as praças, e em alguns casos, o Largo da Madragoa, como lugares que representam seus locais de lazer.

Interessa ressaltar que tanto os consumos de bebidas alcoólicas, quanto de drogas deixam esse grupo com medo e desprezo a alguns locais da Ribeira. A maioria apontou o Areal da Ribeira como um lugar de topofobia, assim também fora com o Largo do Papagaio.

Como se pode observar no Mapa 1 (ver p.55) o Areal da Ribeira e o Largo do Papagaio são locais que estão fora da delimitação da área da Ribeira, percebe-se que a delimitação da localidade na visão de quem mora difere daquela que é estabelecida institucionalmente e que se assimilou para esse estudo.

Cabe ressaltar que, na visão dos idosos há muito desrespeito aos moradores do lugar e aos seus bens naturais, por exemplo, as praias, por parte dos que visitam a localidade. As atitudes dessas pessoas induzem que os próprios entrevistados muitas vezes evitem até de sair das suas casas.

Quanto aos deslocamentos, é unanime a preferência dos entrevistados pelo modo a pé, somente um deles gosta de pedalar. Na utilização do modal rodoviário ou marítimo, os idosos sentem também o desrespeito, especialmente pelos motoristas de ônibus, justificando a preferência de alguns em ter um veículo particular. Contudo, tanto o carro quanto o ônibus só são usados, preferencialmente, para sair da unidade de moradia.

Nos depoimentos foi apontada a carência de locais para os idosos se relacionarem entre eles e com outros grupos sociais. As frustrações desses sujeitos também foram evidenciados no péssimo tratamento dado por alguns jovens, assim também no fato de que o poder público não reconhece o valor do envelhecimento das pessoas na cidade, fato agravado inclusive, quando alguns idosos não aceitam os limites físicos da pessoa de mesma idade.

Através dessas narrativas da história de vivência no local, algumas características marcantes representam as mudanças no comportamento desse grupo a partir dos usos do espaço. Entretanto esse trabalho não tem a pretensão de fazer generalizações para todo o grupo que reside no lugar, importa destacar a relevância dos resultados.

Por fim, destaca-se que os entrevistados revelam formas distintas de uso e apropriação do espaço, diversificando a memória, assim como as expressões de topofilia e de topofobia sobre a localidade. Para a finalização desse trabalho a próxima seção trata das interpretações gerais da experiência da autora com relação aos objetivos propostos, buscando apresentar algumas sugestões para intervenção pública e nos estudos acadêmicos no atento da produção de pesquisas que tratem de temáticas sobre o grupo dos idosos.

6 CONCLUSÃO

A escolha do lugar e da vida dos idosos contribuiu para que o universo empírico fosse constituído de maneira igual entre homens e mulheres. Através da metodologia aplicada seguindo os objetivos gerais propostos as informações contidas nas entrevistas foram cruzadas com algumas abordagens teóricas. Portanto nessa seção serão apresentadas as considerações finais dessa pesquisa.

No estudo observou-se que as formas de uso e apropriação do espaço presentes nos moradores idosos da Ribeira apontam para relações de sociabilidade do tipo tradicional, no qual eles estão vinculados por sentimentos e emoções, muito embora também configurem relações perpassadas por modos de vida moderna.

Por outro lado, foram vistos nos idosos entrevistados que as relações de sociabilidade exprimem como atributos de cultura, de valor e de símbolo juntos, fazem a Ribeira apresentar espaços de afeto, assim como de medo. Portanto, considerando os conceitos teóricos, as ações dos indivíduos é que transformam o espaço, preenchendo-o e construindo-o de significados.

Constituído em uma região peninsular do município do Salvador, a Ribeira, em função de sua história e das relações sociais e culturais decorrentes do uso e da apropriação do espaço, hoje, se localiza numa macrounidade de ocupação mais antiga da cidade. Assim, a Ribeira é um lugar, formado por um resultado histórico de um conjunto de processos de vivências e experiências, no qual os atores sociais (como os idosos) desenvolveram (e desenvolvem) parte de suas práticas cotidianas, gerando uma continuidade entre a casa, o lugar e os demais espaços da cidade.

A localidade da Ribeira tem seus espaços geralmente frequentados por pessoas mais jovens e, inclusive, de outras localidades. Através dos aspectos demográficos revela-se que esse lugar tem um número maior de jovens, e que ao contrário do que muitos imaginam esse não é um lugar formado 'apenas de idosos'. Esse diagnóstico é tratado aqui diante das dificuldades que a pesquisadora passou em encontrar pessoas desse grupo social nos ambientes de lazer, fora de casa e que fossem residentes na localidade.

Portanto pode-se considerar a Ribeira como um lugar que apresenta um número significativo de idosos, residentes por um longo período de tempo, e que guardam em suas memórias experiências boas e ruins da própria localidade. Sendo assim, esses indivíduos não deixaram de conviver de maneira harmônica com as transformações temporais.

De acordo com as análises feitas através dos depoimentos, é perceptível o sentimento de 'isolamento' por parte dos idosos entrevistados, já que não veem nos locais que mais frequentaram (topofilia) em outras épocas, atrativos que os agreguem na condição atual que estão, principalmente com as gerações mais novas. Justifica-se então, que a Ribeira tem apresentado seus espaços de lazer mais voltados para o público jovem, inclusive nos trechos à beira mar.

Embora os idosos dessa pesquisa apresentem limitações físicas e biológicas, ainda assim eles necessitam de espaços em que possam desenvolver o direito à vida e a saúde. Inclusive as mulheres, já que por não terem atividades no ambiente público dão preferência em ficar mais em casa, o que de certa forma há uma tendência delas sentirem-se depressivas já que não há ações participativas que levem os idosos da localidade para usufruírem dos espaços públicos de lazer, além das igrejas.

Embora o envelhecimento seja um fenômeno de pouca análise tanto da produção acadêmica quanto da gestão pública faz se necessário oferecer suportes de maior valorização às práticas de promoção da saúde e bem estar do idoso, e os resultados das entrevistas garantem isso.

Apesar dos entrevistados constituírem um pequeno universo de um grupo social, que por um determinado período de suas vidas contribuíram para o país (e também às suas localidades), eles representam a história e a cultura da nossa sociedade. Eles não almejam muita coisa, a não ser a atenção de outras pessoas em ouvir suas experiências vividas. Esses cidadãos cresceram, trabalharam, produziram e multiplicaram-se, e na condição em que estão seus desejos é apenas descansar e ter o direito de utilizar os espaços públicos urbanos de onde vivem para suas práticas sócias, nesse caso, o lazer.

REFERÊNCIAS

- AEPI. *A Península de Itapagipe*. Salvador: AEPI, [20--?]. Disponível em: <<http://aepisalvador.com.br/Península,-fotos-e-história-.php>>. Acesso em: 02 ago. 2014.
- AMADO, Jorge. *Mar Morto*. Rio de Janeiro: Editora Record, ed. 53, 1982.
- AZEVEDO, Thales de. *Italianos na Bahia e outros temas*. Salvador: EGBA/ Secult, 1989.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti (19ª reimpressão). São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed., 1994.
- BRASIL. *Lei nº 10.741 de 01 de outubro de 2003*. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Presidência da República, Ministério da Saúde, Legislação de Saúde. Disponível: <<http://www.assistenciasocial.al.gov.br/legislacao/legislacao-federal/est.%20de%20idoso.pdf>>. Acesso em 02 ago. 2014.
- CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.
- CARDOSO, Ceila Rosana Carneiro. A península de Itapagipe e Salvador – história, transformação e envelhecimento. In: ANAIS: SEMINÁRIO DE HISTÓRIA DA CIDADE E URBANISMO (SHCU), v.7, n.1, 2002, São Paulo. *VII Seminário de História da Cidade e Urbanismo*. USP, EESC, São Paulo: SHCU, 2002.
- CARDOSO, Ceila Rosana Carneiro. As fábricas na península – Itapagipe como sítio industrial da Salvador moderna. *Revista Vitruvius*, São Paulo, maio de 2011. *Arquitextos*, 132.06, ano 11.
- CARLOS, Ana Fani Alessandrini. *A (re)produção do espaço urbano*. São Paulo: EDUSP, 1994.
- CARLOS, Ana Fani Alessandrini. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CESÁRIO, Ana Cleide Chiarotti; ALMEIDA, Ana Maria Chiarotti de; MAIA, Deise. Imagens da cidade: memória coletiva em Londrina. *Revista Mediações*. Londrina: v. 1, nº 2, jul./dez. 1996, p. 57-64.
- CIDADE. *Ribeira é uma cidade do interior encravada bem em meio à capital*. Tribuna da Bahia Online, Salvador, 12 de abril de 2013. Disponível em: <<http://www.tribunadabahia.com.br/2013/04/12/ribeira-uma-cidade-do-interior-encravada-bem-em-meio-capital>>. Acesso em: 20 jun. 2014.
- DaMATTA, Roberto. *A casa e a rua*. São Paulo: Rocco, 1997.
- DANTAS, Eugênia Maria; MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Organização do espaço*. Natal, RN: EDUFRN, 2008. Disponível:

<http://www.ead.uepb.edu.br/ava/arquivos/cursos/geografia/organizacao_do_espaco/Org_Esp_A06_M_WEB_151008.pdf>. Acesso em: 29 set. 2014.

FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Direção de documentação e divulgação de Waldemar Cavalcanti. Rio de Janeiro: IBGE, v. XXI, 1958.

FORTUNA, Carlos. Las ciudades y las identidades: patrimonios, memorias y narrativas sociales. *Revista Alteridades*. Universidad Autónoma Metropolitana – Iztapalapa: México, v. 8, n. 016, p. 61-74, julio-diciembre, 1998.

FRANKLIN, Taoan Silva. *A ocupação da orla da Baía da Ribeira e seus impactos sobre a hidrodinâmica local: uma investigação através de modelagem numérica*. Trabalho de dissertação de mestrado (Mestrado em Ciências, Geologia Costeira e Sedimentar), Salvador: UFBA, 2009.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GÓIS, Ana. *Cidade Baixa – Comércio, Pilar, Penha, Bonfim, Ribeira*. Blog Mais de Salvador, Salvador, 25 out. 2011 (a). Seção Bairro da Ribeira. Disponível em: <<http://maisdesalvador.blogspot.com.br/search/label/Bairro%20da%20Ribeira>>. Acesso em: 08 out. 2014.

GÓIS, Ana. *De Água de Meninos a Itapagipe*. Blog Mais de Salvador, Salvador, 25 out. 2011 (b). Seção Bairro da Ribeira. Disponível em: <<http://maisdesalvador.blogspot.com.br/search/label/Bairro%20da%20Ribeira>>. Acesso em: 08 out. 2014.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro: Record, 2011.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HISTÓRIA DE SALVADOR: Cidades Baixa e Alta. [200-]. Disponível em: <<http://salvadorhistoriacidadebaixa.blogspot.com.br/2009/10/itapagipe-do-senhor-do-bonfim.html>>. Acesso em: 03 ago. 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IBGE. *Censo demográfico 2010*. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

IBGE. *Censo demográfico do Subdistrito da Penha* (informações gerais). Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

IBGE. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira. *Estudos & Pesquisas: informação demográfica e socioeconômica*, Rio de Janeiro, n. 32, 2013. Disponível em: <http://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sintese_de_Indicadores_Sociais_2013/SIS_2013.pdf>. Acesso em: 08 nov. 2014.

JACQUES, Paola Berenstein. *Elogio aos errantes*. Salvador: EDUFBA, 2012.

Disponível em:

<[https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7894/1/Elogio_aos_Errantes_RI\(1\).pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7894/1/Elogio_aos_Errantes_RI(1).pdf)>.

Acesso em: 23 set. 2014.

LINTON, Ralph; REDFIELD, Robert; HERSKOVITS, Melville. *A memorandum for study acculturation*. American Anthropologist, 1936, Vol. XXXVIII.

LUTHER, Aline de Carvalho. *Patrimônio arquitetônico industrial na península de Itapagipe: um estudo para a preservação*. UFBA, FAU, Salvador: FAUFBA, 2012.

MATOS, Olgária Chain Feres. A cidade e o tempo: algumas reflexões sobre a função social das lembranças. In: ESPAÇO & DEBATES, v. 7, out/set 1982, São Paulo. *Revista de Estudos Regionais e Urbanos*. São Paulo: [s.n], 1982, p. 45-52.

MATTOSO, Kátia Maria de Queirós. *Bahia, século XIX: uma província no império*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.

MONTALVÃO, Morgana Neves. *Um olhar sobre a Ribeira: uma viagem no tempo*. UNIJORGE, Faculdade de Comunicação Social, Salvador: Blogspot.com, 02 dez. 2010. Disponível em: <<http://umolharsobrearibeira.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

NASCIMENTO, Eliadma; MAIA, João. O sentimento de pertencimento a um grupo: a Praça Saes Peña servindo como ponto de encontro de senhores jogadores da cidade do Rio de Janeiro. In: INTERCOM SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DE COMUNICAÇÃO, 2013, Bauru. *XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. Bauru, São Paulo: INTERCOM, 2013. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0115-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

OLIVEN, Ruben George. Por uma antropologia em cidade brasileira. In: VELHO, Gilberto. *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p. 23-36.

PROJEÇÃO da população do Brasil por sexo e idade 2000-2060; *Projeção da população das Unidades da Federação por sexo e idade 2000-2030*. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2013/default_tab.shtm>. Acesso em: 16 nov. 2014.

RIBEIRA de Itapagipe – Parte I. Direção: Fernanda Aragão. Produção: Fernanda Aragão. Canal da Fernanda Baraúna Aragão; Youtube Canal; Faculdade de Comunicação – UFBA, 2012. Série de reportagens Ribeira de Itapagipe – Parte I (08 minutos e 16 segundos).

SALVADOR. Assessoria Geral de Comunicação (AGECOM). *Prefeitura aprova realização de estudos para projetos de requalificação*. Salvador, 25 jul. 2013.

Disponível em: <

http://www.comunicacao.salvador.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=41933%3A-sp-80072838&catid=58&Itemid=177>. Acesso em: 16 out. 2014.

SALVADOR. FGM. *Segunda-feira gorda da Ribeira, é o carnaval nas ruas da Bahia*. Salvador, 11 de janeiro de 1981. Disponível em: <<https://www.facebook.com/photo.php?v=667914216623996&set=vb.100002162701990&type=2&theater>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

SALVADOR. FGM. *Sombra e água fresca*. Salvador, [20--?]. Disponível em: <<http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/doc-polo/sombraagua fresca.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2014.

SALVADOR. FMLF. *Bairros da Cidade Baixa lembram velha Salvador*. In: CADERNO 9. Jornal A Tarde, Salvador, 23 nov. 2003. Disponível em: Biblioteca FMLF, SEMGE, Vale dos Barris, s/n, Barris. Acesso em: 22 set. 2014.

SALVADOR. FMLF. *Praças em estado de decadência*. In: CADERNO 1, Página 4, Jornal Bahia Hoje, Salvador, 23 maio 2003. Disponível em: Biblioteca FMLF, SEMGE, Vale dos Barris, s/n, Barris. Acesso em: 22 set. 2014.

SALVADOR. *Lei nº 7.400/2008 de 20 de fevereiro de 2007*. Dispõe sobre o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano do Município do Salvador – PDDU 2007 e dá outras providências. Prefeitura Municipal do Salvador, Gabinete do Prefeito Municipal do Salvador. Disponível em: <<http://www.desenvolvimentourbano.salvador.ba.gov.br/images/PDF/PDDU/lei7400-08.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

SALVADOR. Prefeitura-Bairro. *Município de Salvador*. Salvador: Secretaria de Desenvolvimento Urbano (SEDUR), 2013.

SALVADOR. SEDHAM, COPI. *Cadernos da cidade: uso e ocupação do solo em Salvador*. Salvador: ano 1, nº 1, v. 01, 2009.

SALVADOR. SIM. *Informações gerais do município do Salvador*. Salvador: SEMUT, SEPLAN, 2010. Disponível em: <<http://www.sim.salvador.ba.gov.br/indicadores/Controller.php>>. Acesso em: 04 nov. 2014.

SANTOS, Diego Mascarenhas dos. *Crush: histórias sobre uma ponte*. Memória do audiovisual fotográfico. Salvador: Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, 2009.

SANTOS, Elisete; PINHO, José Antonio Gomes de; MORAES, Luiz Roberto Santos; FISCHER, Tânia (orgs.). *O caminho das águas em Salvador: bacias hidrográficas, bairros e fontes*. Salvador: CIAGS/ UFBA; SEMA, 2010.

SANTOS, Jocélio Teles dos (org.). *Mapeamento dos terreiros de candomblé de Salvador*. Salvador: UFBA, CEAO, 2008. Disponível em: <<http://www.terreiros.ceao.ufba.br/terreiro/config>>. Acesso em: 30 out. 2014.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: EDUSP, 6ª edição, 2008.

SERPA, Angelo Szaniecki Perret. Lugares enunciados, lugares comunicados: processos identitários em Berlim e Salvador / Enunciated places, communicated places: identity processes in Berlin and Salvador. In.: *Geograficidade: uma revista do Grupo de Pesquisa Geografia Humanística Cultural*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, inverno de 2012. Disponível em: <

<http://www.uff.br/posarq/geograficidade/revista/index.php/geograficidade/article/view/17>>. Acesso em: 22 set. 2014.

SILVA, Marco Manso Cerqueira. *As diferentes formas de uso do crack e a sua relação com riscos e danos sociais e a saúde entre moradores do Areal da Ribeira, Salvador-Bahia*. UFBA, Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas, Curso de Especialização em “Psicoativos: seus abusos e usuários”. Salvador: UFBA, set. 2010. Disponível em: <

<

[https://twiki.ufba.br/twiki/pub/CetadObserva/SimposioAbesup/\(Apresenta%E7%E3o_ABESUP\).pdf](https://twiki.ufba.br/twiki/pub/CetadObserva/SimposioAbesup/(Apresenta%E7%E3o_ABESUP).pdf)>. Acesso em: 01 set 2014.

SILVA, Jonathas Magalhães Pereira da; MANETTI, Claudio. Memória, mobilidade e complexidade: consideração pela história local. *Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*. São Paulo: [s.n], 20--?. p. 61-77.

SOUZA, Liliane Santos de. *Mapa de delimitação da Ribeira*. Secretaria da Fazenda (SEFAZ). Salvador: Prefeitura do Município de Salvador. Salvador (BA), 2014.

SOUZA, Liliane Santos de. *Povoado de Campo Grande – Santa Terezinha – Bahia: lugar quilombola*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia), Salvador: Universidade Católica de Salvador (UCSAL), 2010.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SOUZA, Marcelo Lopes de. As escalas do planejamento e da gestão das cidades. In: SOUZA, Marcelo Lopes de. *Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbanas*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 103-113.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Yu-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFIEL, 1980.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In:____. *O desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1980, p. 13-20.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: FORTUNA, Carlos. *Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de Sociologia*. Oeiras: Celta, 1997.

APÊNDICE A – Quadro das indústrias que foram instaladas na Ribeira

	Empresa	Localização	Ano	Fabricação
1	Companhia Bahiana de Navegação a Vapor	Rua da Ribeira	1839	Estaleiro
2	Telheiros do Cel. Pedroso	Rua da Ribeira	1873	Telha
3	Fábrica de Tecidos Nossa Senhora da Penha	Rua da Ribeira	1873	Tecidos
4	Companhia de Navegação Bahiana	Rua da Penha e Ponta de Areia	1878	Estaleiro
5	Companhia Lloyd Brasileiro	Rua da Penha, nº4 e Ponta de Areia nº 125 a 131	1892	Estaleiro
6	Companhia Transportes Marítimos	Portos da Lenha, Tainheiros e do Papagaio	1895	Estaleiro
7	Companhia de Ferro Esmaltado	Largo do Papagaio	1892	Ferro
8	Companhia Industrial de Productos Nacionaes	Porto dos Tainheiros	1893	Não informado
9	Fábrica de Fiação de Marchesine & Raimondi	Porto dos Tainheiros	1907	Tecidos
10	Fábrica Paraguassú* (Companhia Progresso Industrial da Bahia a partir de 1919)	Largo do Papagaio, Porto dos Tainheiros, Rua do Céu, Porto do Papagaio, Rua do Areial (Rua Álvaro Cova), Rua do Travasso, Rua da Legalidade	1909	Tecidos
11	Estaleiro de Procópio Francisco de Souza	Porto dos Tainheiros	1910	Estaleiro
12	Estaleiro de Miguel Guimarães & Companhia	Porto dos Tainheiros	1910	Estaleiro
13	Fábrica São João (Companhia Progresso e União Fabril da Bahia)	Avenida Porto dos Mastros, nº 9	1932	Tecidos
14	Fábrica Monsanto ou Fábrica de Chocolate Kaufmann	Entre a Av. Beira Mar e a Rua Visconde de Caravelas	1948	Fertilizantes ou chocolate
15	Indústrias Reunidas Columbia LTDA	Rua Marquês de Santo Amaro	1955	Metal
16	Fábrica Saboaria Atlântica LTDA	Rua Barão de Santo Amaro, nº 12	1937	Sabão

Fonte: Elaborado por VIEIRA, Michele Santos em 2014, com base nas informações contidas no livro de IPTU's do AHMS, SALVADOR, Prefeitura Municipal do Atlas parcial da Cidade do Salvador. Salvador, 1956 apud LUTHER, 2012.

APÊNDICE B – Tabela de distribuição da faixa etária entre homens e mulheres em Salvador

FAIXA ETÁRIA	SALVADOR			
	TOTAL	(%)	HOMENS	MULHERES
0 a 4 anos	132.425	5.01	66.983	65.442
5 a 9 anos	178.613	6.75	90.576	88.037
10 a 14 anos	208.919	7.90	105.906	103.013
15 a 19 anos	216.558	8.19	106.749	109.809
20 a 24 anos	251.552	9.51	120.203	131.349
25 a 29 anos	285.790	10.81	134.453	151.337
30 a 34 anos	263.205	9.95	122.238	140.967
35 a 39 anos	217.475	8.22	100.370	117.105
40 a 44 anos	198.647	7.51	91.189	107.458
45 a 49 anos	176.454	6.67	79.823	96.631
50 a 54 anos	150.834	5.70	67.662	83.172
55 a 59 anos	114.695	4.33	50.628	64.067
60 a 64 anos	83.404	3.15	36.021	47.383
65 a 69 anos	56.870	2.15	22.900	33.970
70 a 74 anos	42.865	1.62	16.287	26.578
75 a 79 anos	29.083	1.10	10.006	19.077
80 a 84 anos	19.507	0.73	5.975	13.532
85 a 89 anos	10.064	0.38	2.917	7.147
90 a 94 anos	4.090	0.15	1.006	3.084
95 a 99 anos	1.384	0.05	303	1.081
Mais de 100 anos	379	0.01	74	305
Total	2.642.813	100	1.232.269	1.410.544

Fonte: Elaborado por VIEIRA, Michele Santos em 2014, com base nos dados do Censo IBGE 2010.

APÊNDICE C – Quadros sistemáticos das entrevistas realizadas

Quadro 2 – Sistematização das entrevistas: dados gerais

N	Identificação na entrevista	Idade (anos)	Faixa de renda (s.m)	Local de moradia	Escolaridade	Atividade anterior	Atividade atual	Tempo de residência local (anos)
1	Maria	67	3	Avenida Porto dos Mastros	Nível superior completo	Professora de inglês	Aposentada	20
2	Borges	68	3	Rua 11 de maio	Nível fundamental completo	Caminhoneiro	Aposentado faz 'bicos' quando dá	53
3	Nice	81	3,5	Avenida Beira Mar 1ª	Nível médio completo	Funcionária pública	Aposentada	56
4	Souza	62	3,5	Avenida Domingos Rabelo	Nível médio completo	Funcionário público	Aposentado	40
5	Brandão	76	4	Largo da Ribeira	Nível médio completo	Funcionário público	Aposentado	76
6	Lima	77	3	Largo da Ribeira	Nível médio completo	Funcionário público	Aposentado	40
7	Diva	81	4	Avenida Porto dos Mastros	Nível superior completo	Bibliotecária	Aposentada	80
8	Capitão	83	3	1ª Travessa Domingos Rabelo	Nível fundamental completo	Comerciário, em seguida fora 2º condutor da Marinha Mercante	Aposentado	60
9	Nalvinha	60	1	Rua Padre Cupertino Lacerda	Nível médio completo. Trancou o curso de Psicologia no 2º semestre	Educadora infantil	Aposentada por invalidez	Desde a infância viveu na área, depois morou em outros lugares, mas há um ano retornou para tratamento médico
10	Francisca	78	3,5	Largo da Ribeira	Nível médio completo	Funcionária pública	Aposentada	60

Fonte: Organização própria com base nas entrevistas realizadas no período de outubro a novembro de 2014.

Quadro 3 – Sistematização das entrevistas: sinopse das respostas

N.	Quais locais da Ribeira você frequentou sua infância, adolescência ou adulto?	Quais locais da Ribeira você frequenta na sua condição de idoso?	Qual local da Ribeira lhe deixa com medo	Formas de deslocamento no espaço enquanto idoso
1	Aos 47 anos quando passou a morar no lugar ela ia à Sorveteria da Ribeira e a Pastelaria da Ribeira; assistir aos campeonatos de Remo na Enseada dos Tainheiros; ia muito as praias da Penha e Bogary	As Igrejas Nossa Senhora da Penha e do Rosário	De maneira geral, ela sente medo de sair sozinha, principalmente à noite	Vai andando as igrejas, com um dos filhos; raramente pega ônibus ou o barco no Terminal Marítimo para visitar os parentes que moram em Plataforma.
2	Adolescência: saia com os amigos para dar umas “cabriolas” na Ponte do Crush; pulava dos cascos das embarcações largadas na Praia do Bogary; pegava o bonde para ir à Calçada; catava marisco com a avó em frente a Igreja da Penha; paquerava as meninas na Sorveteria da Ribeira	Apaixonado pela Sorveteria da Ribeira, já que ali conheceu sua ex-mulher, mas também pela ligação que tem; vai aos sábados nos bailes de seresta no Largo da Madragoa; pedala toda manhã na orla	Não tem medo, mas fica irritado com a casa de shows The Best Beach. Não gosta do excesso de bebidas e consumo de drogas que há por ali.	Prefere ir andando todas as terças até a Igreja do Rosário para assistir a missa de Santo Antônio. Adora pedalar na orla. As vezes pega o ônibus para visitar alguém distante
3	Aos 25 anos quando passou a morar no lugar, frequentava os bailes de carnaval e infantil com os filhos no Clube de Regatas de Itapagipe; nas madrugadas sentava na porta de casa com o marido para conversar e ver os filhos brincando na praça ao lado da Igreja da Penha. Ia na Sorveteria da Ribeira com amigas e a família	Apenas gosta de frequentar a Igreja da Penha já que também é membro do Grupo do Santíssimo Sacramento (EMÁUS)	A praia da Penha (em particular), porque fica em frente a sua casa e vê muitas coisas desagradáveis, por exemplo: as danças vulgares das “mocinhas”, os meninos bebendo e fumando maconha e outras “drogas ruins”.	Ela não sai muito, apenas prefere fazer o seu caminho “sagrado” de casa para a igreja. Quando os filhos a convidam para um passeio fora da Ribeira levam-na de carro, porém todos os entes queridos residem por perto.
4	Aos 24 anos frequentava muito a Sorveteria da Ribeira; tomava umas cervejas com uns amigos nos bares que haviam na localidade. Gostava muito das bandas que iam tocar no Largo da Madragoa	Geralmente prefere ler seu jornal sentado num banquinho da Praia do Bogary, e ver as pessoas que andam por ali.	Apesar do amor ao lugar, Souza afirma que evita sair a noite, já que é muito perigoso. Seu medo maior é o Areal da Ribeira, já que ali concentra-se um ponto forte de venda e consumo de drogas	Acostumado a fazer o mesmo percurso, de casa para a Praia do Bogary, Souza afirma sempre ir a pé para o supermercado (no Largo do Papagaio) comprar algumas coisas para casa. Quando quer ir para lugares mais distantes, para ver a família, vai com seu veículo particular. Para ele os motoristas de ônibus não respeitam os idosos.

5	<p>Infância a adolescência: jogava bola no Campo do Lasca com os amigos; assistia aos campeonatos de remo no cais da Enseada dos Tainheiros; ia nos bailinhos de carnaval do Clube de Regatas de Itapagipe. Na adolescência conheceu sua esposa e tiveram 2 filhos criados na mesma casa em que reside até o período dessa entrevista</p>	<p>Geralmente passa as tardes jogando um pouco de dominó com os vizinhos na praça que também é terminal de ônibus; lembrou-se do Banco dos Vadios, que para ele “era o espaço do idoso”.</p>	<p>Para Brandão as praias da Ribeira já não são mais bonitas e atraentes. “É gente de fora sujando tudo, a Prefeitura até colocou lixeira por lá, mas é muita falta de zelo com o lugar”. Outro fator para o ‘medo’ são os consumos excessivo de bebidas e drogas, “os sacizeiros ficam ‘bulinando’ as mulheres, é ridículo”.</p>	<p>Passeando por perto do terminal de ônibus, ou nos bares próximos para bater papo com os vizinhos, Brandão faz questão de pegar o ônibus e ir todo fim de semana para o Garcia ver os amigos de infância, aproveitando para assistir com eles as partidas de futebol ou de basquete.</p>
6	<p>Quando chegou a Ribeira tinha 37 anos, frequentemente ele corria nas praias; ia a Sorveteria tomar um sorvete com os filhos</p>	<p>Por residir do lado da Sorveteria, Lima afirma que prefere esses locais ou também passar umas “horinhas” no banco da praça defronte ao estabelecimento para ver a movimentação das pessoas.</p>	<p>Ele disse não ter medo de local algum da Ribeira</p>	<p>Segundo ele, gosta da sua “área de conforto” (sorveteria e a praça); circulando mais nas proximidades da sua casa. Quando vai para algum lugar mais distante prefere pegar seu carro e ir.</p>
7	<p>Infância: brincou muito na rua com os irmãos, mas adorava passar os finais de tarde lendo no quintal de sua casa (que reside há 80 anos) herança de família. Adolescência: via as bandas que tocavam no coreto do Largo da Madragoa; ia ao Cine Itapagipe com as amigas de colégio. Adulta: muito envolvida com ações educativas, passava muito tempo com as crianças do Areal da Ribeira e disse que ajudou a fundar a Escola Municipal de Simões Filho, tornando-se a 1ª diretora de lá</p>	<p>Para ela a Ribeira não oferece nenhum espaço para o idoso a não ser as igrejas. “Mas quando acabam os cultos o que nos resta”?</p>	<p>Não soube dizer durante a entrevista o lugar da Ribeira que a deixa com medo, a não ser generalizar tudo. Não há segurança, nunca saio sozinha.</p>	<p>Transita pouco, como ela mesma disse se houvesse locais para os idosos seria muito bom, já que na concepção dela moram muitas pessoas idosas. Quando recebe convites para seminários e exposição dos livros de seus amigos ela pede a carona dessas pessoas para levá-la. Ir de ônibus ou a pé já não é mais igual já que não há atrativos para as mulheres idosas como ela.</p>
8	<p>Chegou a localidade com 23 anos, gostava de andar da Enseada dos Tainheiros até a Igreja do Bonfim. Participava das festas da Segunda-feira gorda (aos 25 e 26 anos). Apaixonado por sorvete ia sempre à Sorveteria da Ribeira e dançar no Largo da Madragoa, foi lá que conheceu sua falecida esposa</p>	<p>Ainda faz sua caminhada da Enseada até o Porto da Lenha (antigo estaleiro do Bonfim), para pensar na vida e ver os velhos amigos</p>	<p>A parte do Areal da Ribeira, por causa do uso e venda de drogas. Segundo ele antes ele passava por lá para jogar baralho com os colegas que conheceu por lá, mas com esses consumos ilegais criou aversão ao local.</p>	<p>Apesar de utilizar do ônibus para visitar os parentes, que moram fora daqui. Passa umas duas “horinhas” no bar do Mário jogando dominó ou baralho, mas parou mais de sair, principalmente à noite por causa da idade e da violência.</p>

9	<p>Infância a adolescência: frequentava muito a Ribeira para visitar seus tios, tias e primos com os pais. Nesse período via uns grupos de homens que tocavam nas praias. Comia peixe frito com a família na beira da praia. Adulta: por um tempo morou no Rio, mas sempre fazia ponte aérea para ver um amor antigo que conheceu. E passava a ir aos bailes da Madragoa, ou caminhava na praia com essa pessoa.</p>	<p>Para ela a Ribeira não tem lugar mais para o idoso. Seu caminho nessa condição é ir a igreja apenas. Segundo a mesma a sua condição física e seu antigo problema de depressão após o falecimento do filho, não lhe dar mais força de andar no lugar que tanto ama.</p>	<p>De acordo com Nalvinha, o Largo da Madragoa lhe oferece um pouco de medo. Algumas vezes, aos finais de tarde, quando ela vai pegar uns papéis do PMCMV, sempre nota uns 'moleques' observando as senhoras que estão ali, com intenção de querer roubar.</p>	<p>Fora a igreja, ela diz não haver mais nenhum. Nem nas condições em que ela está. Até para pegar ônibus ela sofre, porque os motoristas são impacientes.</p>
10	<p>Passou a morar no lugar com 18 anos, por ter uma forte influência católica na família, ela ia muito as missas na Penha. Até a fase adulta seguia esse caminho, mas seu lugar de diversão maior era a Sorveteria e caminhar a beira mar, adorava ver o outro lado da Enseada (Plataforma)</p>	<p>Devido a sua doença nas pernas (trombose) ela preferia ficar na varanda de sua casa, vendo o movimento na rua. Ela aproveitava também para conversar com seu melhor amigo, Brandão.</p>	<p>Para ela o Largo do Papagaio é muito perigoso porque só anda vazio. Quando vem do médico com a filha, sempre vê uns jovens ou bebendo ou abusando das drogas, do cigarro. "Ah, minha filha, esses meninos se perdendo nesse mundo".</p>	<p>Dada a sua limitação física a entrevistada disse não poder apropriar-se com total autonomia dos locais da Ribeira que tanto gosta, como as praias, as igrejas e a Madragoa para dançar.</p>

Fonte: Organização própria com base nas entrevistas realizadas no período de outubro a novembro de 2014

ANEXO A – Página dos periódicos FGM, matéria de Éder Luís Santana

SOMBRA e água fresca

● *Aposentados da Cidade Baixa passam o tempo sem se preocupar com as horas, debaixo de árvores, jogando baralho, dominó e até conversa fora*

EDER LUIS SANTANA
REPORTER



Na tranquilidade da cidade baixa, eles passam o tempo sem se preocupar com as horas. Pode ser debaixo de uma árvore, em frente da famosa Sorveteria da Ribeira, ou ainda, sentados no conhecido Banco do Vadio. São os aposentados, que depois de décadas na luta, passam os dias jogando baralho, dominó e até conversa fora.

E melhor lugar para isso só mesmo longe dos grandes centros. É bem verdade que muita coisa mudou, o progresso alterou parte do visual, mas, da Ribeira ao largo do Papa-

gão e se estendendo até o Bonfim, o pessoal da boa e velha terceira idade faz a festa e não deixa a história se apagar. Melhor ainda, são a lembrança de uma época que para muitos deixou saudade.

Que o diga Francisco Fortuna, 87 anos, mais conhecido como Chico Fortuna. Um senhor lúcido, cabelos brancos e muito sorriso no rosto. Com seus passos lentos, chega no Banco do Vadio, na Avenida Beira Mar, Ribeira, e nas mãos uma mesa de madeira para jogar dominó. Calmo e sereno, é tido por todos como uma lenda viva, que teve o prazer de presenciar a fundação do banco.

"Isso aqui começou na década de 40. Jogávamos em cima de uma caixa de madeira, onde eram guardados aviamentos dos pescadores. Depois foi crescendo e mais gente foi chegando", lembra. Ago-

ra, são dezenas de aposentados todos os domingos por lá. Curtindo a calma do local, as ondas do mar e a brisa constante.

Francisco Fortuna lembra que no começo poucas casas na região eram habitadas. "aqui era ponto de veraneio somente", comenta. No resto do ano, era tudo tranqüilo e sem muito movimento. Da juventude passada, muitas lembranças são únicas, como sua convocação para a II Guerra Mundial, em 1942.

"Fui convocado, mas, por sorte veio um decreto que dispensava os funcionários do Banco do Brasil, onde trabalhei, e dos Correios e Telégrafos. Então, continuei por aqui. Tive muitos conhecidos que foram e não mais voltaram", recorda. E como não podia deixar de ser, passou toda sua vida pelas bandas da Cidade Baixa.

FOTO FRANCISCO GALVÃO



Fonte: SALVADOR. FGM. Sombra e água fresca. Salvador, [20--?].

Disponível em: <

<http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/docpolo/sombraaguafresca.pdf>>.

Acesso em: 16 de julho de 2014.

ANEXO C – Caderno 9 do Jornal A Tarde do dia 23 de novembro de 2003



Fonte: SALVADOR. FMLF. *Bairros da Cidade Baixa lembram velha Salvador*. In: CADERNO 9. Jornal A Tarde, Salvador, 23 nov. 2003. Disponível em: Biblioteca FMLF, SEMGE, Vale dos Barris, s/n, Barris. Acesso em: 22 set. 2014.